

Janeiro de 1916



ANNO  
III  
N.º 20

*Revista  
Feminina*

# MAPPIN & WEBB (JOALHEIROS) FABRICANTES

A visita é franca e apreciada

28 - RUA 15 DE NOVEMBRO

— S. PAULO

TELEPHONE - 2132

Telegrapho:

"MAPPIN"

PREÇO FIXO

Grande sortimento de joias finas para presentes e todas de primeira qualidade a preços razoáveis. Prataria e prata "Princesa" de artigos para uso domestico. Talleres de fabricação superior e facas de aço Sheffield - Crystaes finos - objectos de Marroquims - Bronzes etc.



## A MUNDIAL

Companhia de Seguros de Vida

(Aprovada pelo Gov. Federal com deposito de garantia no Tesouro)

SEGUROS COM SORTEIO E COM REMISSÃO PROPORCIONAL DE TODAS AS APOLICES!

A "MUNDIAL" — que em poucos annos de existencia já pagou 20 milhões de peculios post-mortem e 7 milhões de peculios em vida — é uma companhia de seguros baseada sobre todos os riscos e os aleas das pequenas sociedades organisadas sem capital e sem base scientifica e que se dissimularam por todo o Paiz. A MUNDIAL oferece todas as vantagens que o mutualismo apregoa, com a garantia porém, de uma Companhia de Seguros, cujo capital inicial é de 20 milhões de réis. Deveis pois pedir hoje mesmo os prospectos da MUNDIAL e por elle vereis que a MUNDIAL realisa o ideal no seguro de vida: Modicidade de taxas, garantia de peculios, maxima renda com minima quota! Nas suas apolices de remissão continua a renda até ao fim de algum tempo ficarão remidos, não ha mais a pagar, nem taxas, nem contribuições, e quando aos seus herdeiros o pagamento integral do seguro. Nenhuma outra Companhia de Seguros oferece no Brasil condições mais liberates, pois nenhuma faz a remissão das apolices com os lucros dos proprios fundos mutuarios. Peçam hoje mesmo o prospecto VV, que é o que se refere especialmente aos seguros com sorteios e com remissão proporcional de todas as apolices.

Srs. Directores da "MUNDIAL"  
Avenida Rio Branco, 133 - Caixa, 918 - RIO

Quem V. S. ler a bunda de encerrar-me o prospecto VV que se refere especialmente ao seguro com sorteio e remissão de todas as apolices, antes de completo o prazo.

NOME  
RUA  
CIDADE  
ESTADO

### PEÇAM O PROSPECTO VV

ultima edição com o estudo do seguro de vida com sorteio e remissão proporcional de todos os segurados

A Mundial: AVENIDA DO RIO BRANCO, 133  
CAIXA, 918 RIO

BEBAM CAXAMBU'

A MELHOR AGUA DE MESA

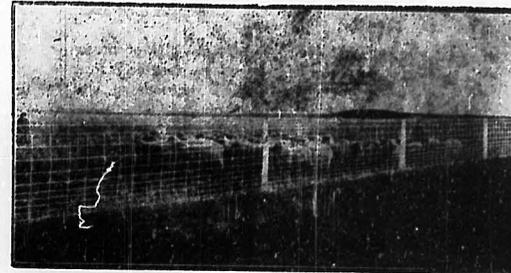
## Tecido "PAGE"

A melhor cerca que se conhece até hoje para: pastos, curraes, hortas, jardins, frentes de predios, etc.

E' mais barata, melhor e mais bonita do que qualquer outra

Fabricação da:

Sociedade Industrial e de Automoveis "Bom Retiro"



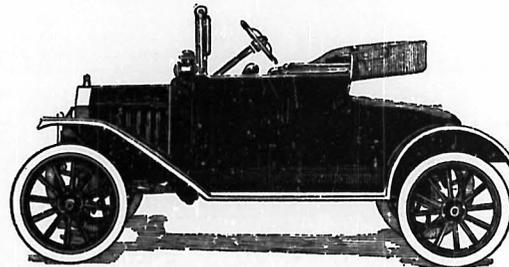
Largo de São Francisco N. 3  
— SÃO PAULO

Peçam catalogos

## Automovel "FORD"

O mais barato, mais elegante, mais leve e mais economico que ha

O "FORD" transita em qualquer estrada por peor que seja



Unicos Agentes:

SOCIEDADE INDUSTRIAL E DE AUTOMOVEIS "BOM RETIRO"

Largo de S. Francisco N. 3  
SÃO PAULO

Peçam catalogos

**Enxovaes para Noivas**



**D**EVIDO ao nosso stock de Lingerie finissima importada de Paris e ás habeis bordadeiras que temos em nossas officinas estamos em condição de poder fornecer **Enxovaes de fino gosto para Noivas,** e por preços muito razoaveis.

Mandamos a quem nos pedir um catalogo especial de roupas para cama e mesa com orçamento para enxovaes completos. ::

**GUARNIÇÃO** de cambraia importada de Paris, com pregas finas, enfeitada com rendas «CLUNY» e bordada a mão.

Camisa de dia . . . . . 18\$000  
Calças . . . . . 20\$000  
Camisa de noite . . . . . 34\$000



**GUARNIÇÃO** de Lingerie Franceza, bordada a mão e enfeitada com entreméios de renda valenciennes.

Camisa de dia . . . . . 12\$500  
Calças . . . . . 12\$500  
Camisa de noite . . . . . 25\$000

**MAPPIN STORES**

CAIXA POSTAL N. 1391

TELEPHONE N. 4054

N. 26, Rua 15 de Novembro N. 26 - São Paulo

PROPRIEDADE  
: DA EMPRESA  
FEMININA ::  
: BRASILEIRA

*Revista Feminina*

DIRECTORA:  
: VIRGILINA DE  
SOUZA SALLES

REDACÇÃO:  
ALAMEDA GLETTE, 87

Preço para venda avulsa:  
600 réis

ASSIG. ANNUAL PARA TODO O  
BRASIL 7\$000  
TELEPHONINO, 8004

**JANEIRO**

**A**NNO bom! Lembram-se? Era antigamente, nos nossos lindos tempos de fartura. Os annos succediam-se, entre risos e festas, augurios fagueiros e bençãos fecundas. De um anno para o outro nada se mudava, além de uma cifra. E o que vale uma cifra num patrimonio feliz? O sol era o mesmo — radiante, alacre, triumphal; a terra era a mesma — desde rez, abundante e fructuosa, entre as pompas floreaes do seu triumpho; a gente era a mesma, brava e unida, que já nem vige, nem viga; a alma era uma só, heroica e amorosa e amava a luz e amava o sol e amava a vida, que lhe entrassem escassos pelas frinchas dos barroteos das cabanas ou que se precipitassem aos gorgolões, pelos gradis bombeados das amplas janellas castellans. De toda parte a felicidade emergia, brotava ou porejava e mesmo nas escabrosidades dos alcançatís asperrimos, entre um e outro gilvaz, havia a illuminura risonha do florir de um cactus.

Para todos nós, a vida pittorescamente se resumia, no balouçar do chouto compassado e quasi isochrono, com que o Destino nos conduzia por um chapadão sem empegos, redolente e umbroso. De tempos a tempos havia um pretexto para que se trocassem saudações e augurios.

— Boas-festas! Anno Bom!  
Confeitos, balas de estalo, um «assustado» em casa, uma fogueira e um samba no terreiro, uma reza em commum — e a vida seguia o seu rhythmo que nada perturbava, que nada alvorocava, nem competições, nem perfidias.  
E hoje?

Olhamos uns para os outros, o hausto garroteado pela angustia do minuto, os pés queimados nas arcias abrazadas de uma steppe, o estomago desfallecido com a caldivana des-temperada que a indigência nos impõe e substituímos aquelle riso confiante que se exprimía na exclamação

de hontem, pela incerteza de uma interrogação:

— Anno bom?

O tempo no entanto não mudou; os annos continuam a ser apenas divisões abstractas que se correspondem; a vida não se alterou no jogo de forças que da atomicidade á cohesão, da endomose á exomose, regem o seu metabolismo; a terra é ainda fecunda; e a materia, que se rege por si mesma e a si mesma se limita, continúa o seu cyclo repousado, aggregando-se e desaggregando-se, na corrente continua da sua transformação.

A alma? Esta sim: — evoluiu, cresceu, illustrou-se, perdeu-se de phantasia e de delirio, quiz abrir de par em par os arcanos mysteriosos das primeiras causas e tentou a felicidade pelo caminho da infelicidade. Não é mais aquella boa alma primitiva, satisfeita e feliz, com a sua séde desalterada na agua fresca dos regatos, com a sua fome saciada na febre simples e saborosa, com os seus joelhos curvados ante uma crença, para um agradecimento ou uma prece. E' agora a alma de um sybarita, com requintes de paladar e exigências agoniadas de analyses profundas. Ou antes, é a alma megalomana que se vasto hospicio do raciocinio, adorna-se de pedras brilhantes, enfeita-se de lentejoulas e de trapos coloridos, aperta-se e deforma-se com barbatanas e correames e conscia de sua magestade, embriagada com licores fortes, a fumegar hervas secas, proclama convicta a superioridade da evolução, e ri-se com padecida da ingenuidade da pobre alma primitiva, que se reputava feliz, dentro da vida e pela vida!

E vá alguém convencer-a, embarcando-lhe o passo, nos ricos corredores asepticos do manicómio, que foi ella a crear com a analyse, a infelicidade que a persegue e a anniquila!

Vá alguém convencer a um louco, que se adorna, por commendas, e crachás, de rodeias de lata, que de pendura seixos das orelhas, que põe ao pescoco collares de vidro colorido e que jarrasia sereno, por purpuras

reaes, velhos andrajos remendados — que nem elle é rei e nem é feliz!

— Anno bom? \*

Para nós mulheres, que ainda conservamos no ninho quente da nossa affectividade, velhas crenças e velhas tradições, a loucura está apenas começando... Poucas ainda abrem os olhos para a tortura da analyse. Preferem as da maioria passar, de olhos fechados, das estrophes brancas dos hymnos virginaes ás abnegadas cavatinas á beira dos berços, realizando a sua feminilidade entre um soluço e um beijo, sem hiatos que façam racionar, sem reflexões que façam soffrer.

Ha casos esporadicos de uma loucura mais pronunciada, de senhores que escrevem, que pensam, que se torturam em pesquisas; são excepções, porém, que não basiam para alarmar.

A maioria das mulheres ainda é feliz, ainda ama por amor, ainda crê por fé, ainda sorri para um ralo de luz ou se deixa embalar por um êstro, ainda é abnegada e estoica, ainda tem sédes facéis de desalterar e fomes que se aplacam com petalas de flôres!

Para ellas deixo aqui os meus augurios:

— Bôas-festas! Anno bom!

E que continuem assim, repousadas e felizes, dentro do seu sexo, do seu lar, da sua religião e da sua familia, enquanto os homens luctam, degladiam e destroem-se, a envenerar a vida, em nome de uma evolução que quebrou todos os mythos da bondade e que no delirio da Razão, com ambas as mãos, estranoulou as ultimas vozes do sentimento...

*Anna Rita Malheiros*

\*\*\*\*\*

**ANNO III**

Com o numero de janeiro entra a Revista Feminina no seu III anno de existencia. Pedimos ás nossas assignantes que mandem reformar as suas assignaturas e que não se esqueçam de angariar novas assignantes entre as suas amigas.

## O ESPELHO DE PRATA

**Janeiro, 3** — Estas contas de Costa & Vasconcellos, são afinal uma tarefa gigantesca; há vinte enormes volumes a examinar e conferir. Ninguém me inveja decerto o meu lugar de empregado de confiança. Mas como é o primeiro trabalho verdadeiramente importante que me é confiado, quero merecer a boa opinião dos meus chefes.

O dr. Veiga disse-me esta manhã que devo ter tudo pronto no dia 20 deste mez. Santo Deus! Comtudo farei o possível para isso, e se os meus nervos e o meu cerebro puderem com tal esforço, venceré. Tenho o trabalho do escriptorio das 10 ás 5, e trabalharei nisto das 8 á 1 da noite. Mesmo na vida d'um guarda livros pôde apparecer um drama. Quando me encontro a altas horas da noite, no meio do mais profundo silencio, rebuscando os livros para encontrar os falsos algarismos que hão-de enviar para a Penitenciaría um vereador respeitado até hoje, sinto que afinal a minha profissão não é tão prosaica como se julga.

Na segunda feira encontrei o primeiro indício de fraude; nenhum comprador de feras sentiu mais vibrante estremecimento ao deparar com a pista da sua preza, e olhando para os vinte livros pensei nos matta-gaés, através dos quaes eu teria de seguir até encontrar a minha victima. Um trabalho penoso mas ao mesmo tempo excitante! Vi esse homem uma vez n'um jantar, gordo e corado, com a face lustrosa, brilhando por sobre o branco do guardanapo; elle olhava com indifferença para o homem pallido que estava lá no fim da meza; far-se-hia pallido tambem se soubesse a tarefa de que o incumbiriam no futuro.

**Janeiro, 6.** — Que tolice é os medicos receitarem descanso quando não é possível haver-o! E' o mesmo que se gritassem a um homem perseguido por uma alcatra de lobos, que parasse e socegasse. O meu trabalho tem que estar acabado n'uma certa data; e se assim não fór, terei perdido a melhor occasião de assegurar o meu futuro. Como poderia pois descançar! Depois pedirei umas ferias de 15 ou 20 dias.

Talvez tivesse feito tolice em ir ao medico, mas quando estou só, alta noite, com o meu trabalho, sinto-me nervoso e profundamente excitado. Não é uma dor que tenho, mas um como que esvaziamento na cabeça e de quando em quando uma nevoa sobre os olhos. Pensei então que me faria bem brometo, chloral ou

qualquer coisa parecida. Mas parar com o trabalho, isso é absurdo! Isto é como uma corrida para um ponto muito distante: ao principio sentimos o coração pulsar e os pulmões arrojantes, mas se temos a coragem de continuar, em breve respiramos mais livremente. Pois bem! eu agarro-me ao meu trabalho e espero que a respiração se me liberte, mas ainda que isto não aconteça, agarrar-me-hei do mesmo modo! Dois livros estão percorridos e já comeci o terceiro. O patife escondeu bem as suas pégalas, mas tenho dado com ellas apesar d'isso.

**Janeiro, 9.** — Não tencionava voltar ao medico, comtudo tive de o fazer, e a linda sentença que elle me deu foi que eu estava abusando dos meus nervos, arriscando a minha saude, perigando mesmo a minha razão. Pois supportarei o abuso e correré o risco; mas enquanto poder sentar-me n'uma cadeira e mover uma penna seguirei a pista d'aquelle patife. A proposito, parece-me melhor mencionar aqui o extraordinario acontecimento que me levou desta vez ao medico. Narrei sinceramente os meus symptoms porque são interessantes em si mesmos — «um curioso estudo psycho-physiologico», disse o doutor — e mesmo porque tenho a certeza de que quando tudo isto tiver passado, essas sensações parecer-me-hão apagadas e chimericas como um estranho sonho que tivesse tido meio acordado e meio a dormir. Quero pois agora, enquanto estão frescas na memoria, tomar nota dellas ainda que não seja senão como variante aos interminaveis algarismos.

Ha no meu gabinete um velho espelho emoldurado em prata; foi-me dado por um amigo apreciador de antiguidades, e sei que foi comprado por elle num leilão qualquer sem que tivesse a menor ideia da sua proveniencia. E' muito grande, dois metros de largura por um de comprimento, e está collocado por cima duma cantoneira á esquerda da minha secretaria. A moldura, é lisa com tres polegadas de largura e muito antiga, mesmo antiga demais para ter qualquer nota que denote a sua idade. O vidro é de bordas envidadas e d'uma extraordinaria limpidez, reflectindo as imagens com essa nitidez que me parece só se ver em espelhos muito antigos. Quando se olha para elle, ha uma impressão de perspectiva que nunca se encontra nos espelhos modernos.

Está collocado de tal maneira, que da minha meza de trabalho não vejo reflectir-se nelle senão os repos-

teiros encarnados da janella; mas hontem á noite, aconteceu-me uma coisa exquisita.

Estava trabalhando havia algumas horas com grande esforço, sentindo repetidas vezes a tal nevoa de que me queixei; de quando em quando tinha de parar para descançar os olhos; ora, numa destas occasiões aconteceu-me olhar o espelho e reparé que tinha uma apparencia estranha. Já não reflectia as cortinas encarnadas; o vidro parecia ennevoado e cheio de vapor, não na superficie, que brilhava como aço, mas lá muito ao fundo; olhando para esta opacidade parecia-me vel-a girar d'um lado para o outro até formar uma nuvem espessa redemoinhando em pesados festões. Era tão real, tão solida, e eu sentia-me tão calmo que me lembro ter-me voltado pensando que nas cortinas tivesse pegado fogo, mas tudo estava profundamente socegado no quarto, não se ouvia outro som que não fosse o tic-tac do relógio, nem havia outro movimento a não ser a rotação vagarosa d'aquella estranha nuvem lá no fundo, mesmo no amago do velho espelho.

Emquanto olhava a nevoa, fumo, nuvem ou qualquer coisa que lhe queiram chamar, pareceu condensar-se e solidificar-se em dois pontos muito proximos do outro, e realizei com um estremecimento mais de interesse que de medo, que eram dois olhos que olhavam para dentro do quarto; podia ver o esboço vago d'uma cabeça, que percebia ser de mulher pelos cabellos, embora isto fosse muito nebuloso. Só os olhos é que se destacavam, e que olhos! escuros, luminosos, cheios d'um sentimento ardente, se de coera ou de horror não posso determinar. Nunca vi olhos tão cheios de intensa e vibrante expressão. Não olhavam para mim, mas fixavam o vacuo. Endireitei-me e fiz um esforço para chamar a mim o meu sangue frio, passei a mão pelos olhos e quando os tornei a abrir, aquella figura turva desvanecera-se na opacidade geral, o espelho esclareceu-se e lá estavam de novo os resposteiros encarnados.

Um sceptico diria sem duvida que eu adormecera sobre os meus algarismos e que a minha visão fora apenas um sonho. Na realidade nunca estivera tão acordado na minha vida, tanto que enquanto olhava para a visão, pude raciocinar claramente e dizer a mim mesmo que tudo aquillo era uma impressão subjectiva, uma chimera dos nervos, nascida do cansaço e da insomnia. Mas porque tomar esta forma em particular, e quem

é essa mulher, e que horrivel sentimento lhe leu nos formosissimos olhos castanhos que se interpõem entre mim e o meu trabalho? Pela primeira vez não acabei a tarefa que me tinha imposto: talvez seja esse o motivo porque esta noite não tive visão nenhuma anormal. Amanhã hei de trabalhar mais, acontece o que acontecer.

**Janeiro, 11.** — Estou bem, e o meu trabalho avança. Aperto a rede, laço a laço, em volta do criminoso, mas talvez elle seja o ultimo a rir-se os nervos me desampararem. O espelho parece ser o barometro que marca a pressão do meu cerebro. Observo todas as noites que obscurece sempre antes de eu chegar ao termo da minha tarefa.

O dr. Mineiredo (que parece ser um povco psychologista) interessou-se tanto pelo meu caso que appareceu por cá, esta noite, para dar uma vista d'olhos ao espelho. Eu já tinha reparado que havia qualquer coisa garatujado, em caracteres muito antigos e tremidos, sobre o metal. O doutor examinou-os com uma lente mas não os pôde decifrar. «Sanc. X. Pal.» foi tudo quanto se pôde apurar, o que nos não adiantou muito. Aconselhou-me a que puzesse o espelho n'um outro quarto, e disse-me que na sua opinião tudo quanto eu pudesse ver n'elle era apenas um symptoma do meu estado nervoso. Na causa é que está o perigo, os vinte livros de contas é que deviam ser mandados para um outro quarto e não o espelho. Se eu o podesse fazer!

Vou adeantando, estou no oitavo volume.

**Janeiro, 13.** — Afinal talvez tivesse tido mais juizo mandando pôr o espelho no outro quarto. Hontem á noite tive uma outra visão extraordinaria, e comtudo acho o que me está acontecendo tão interessante, tão fascinante, que mesmo agora conservo-o hei no seu logar.

Que demonio significará tudo isto?! Devia ser pouco mais ou menos, uma hora da noite, estava arranjando os meus livros para me estirar em cima da cama quando a vi — ali, deante de mim! O periodo de nevoeiro e de desenvolvimento devia-se ter dado sem que eu o observasse, e lá estava ella em todo o esplendor da sua belleza ardente e desolada, tão nitida como se estivesse realmente em carne e osso na minha presença. A figura era pequena, mas muito

clara — tanto que todas as feições, até mesmo todos os detalhes do seu fato me estão gravados na memoria.

Estava assentada á esquerda, muito á borda do espelho. Via-se indistinctamente um vulto agachado ao seu lado — que reconheci vagamente a figura d'um homem; atraz de dois tudo são nuvens, nas quaes vejo vultos que se movem. Não é uma simples pintura que contemplo, mas um episodio verdadeiro: ella inclina-se e treme, o homem agacha-se junto d'ella, os vultos que se movem na sombra tem gestos bruscos. O meu interesse palpitante absorvia todo o medo que eu podesse ter. Era de enlouquecer! ver-se tanto e não se poder ver mais!

A mulher, pelo menos, posso descrever e minuciosamente. E' lindissima e muito nova, não lhe daria mais de vinte e cinco annos, o cabelo d'um lindo castanho com som-

brilho de oiro esconde-se na sombra d'uma prega. Esta é a mulher cuja imagem ainda vive no velho espelho de prata. Que medonho feito foi esse que gravou de tal modo a sua passagem ali, que numa epoca futura elle se revelou a um homem de quem o cerebro cansado dispo-

sera para aceitar essa visão? Um outro detalhe: Em baixo, á esquerda, sobre a saia preta havia qualquer coisa que julguei ser, ao principio, um indistincto laço de fitas brancas, mas depois, ou por reparar melhor ou porque a visão se definiu mais nitidamente, reconheci o que era. Era a mão de um homem, cerrada e convulsionada numa suprema angustia, agarrando phreneticamente as dobras do vestido; o resto dessa figura agachada era apenas um vago esboço, mas aquella mão convulsa destacava-se clara sobre o fundo escuro com uma sinistra suggestão de

tragedia no seu desesperado agarrar. Esse homem estava apavorado — horrivelmente apavorado, isso via-se bem. O que o aterrorisava assim?! Porque se agarrava com tamanha ancia ao vestido da mulher?! Só essas figuras que se moviam ao fundo do quadro, e que se via trazerem perigo para elle e para ella, poderiam responder. O interesse de tudo aquillo fascinava-me; já não pensava no estado dos meus nervos, mas olhava e tornava a olhar como se estivesse no theatro. Apesar disso não pude ver mais, o nevoeiro aclarou, houve uns movimentos tumultuosos nos quaes

todas as figuras tomaram parte, e depois o espelho retomou o seu aspecto tranquillo.

O doutor diz que tenho de pôr de parte o trabalho durante um dia; felizmente posso fazê-lo porque tenho adeantado muito nestes ultimos dias. E' perfeitamente claro que as visões dependem inteiramente do estado dos meus nervos, porque esta noite senti-me deante do espelho durante uma hora e nada vi. O meu dia de descanso afugentou-as. Haverá um dia em que eu comprehendá o que ellas querem dizer? Esta tarde, com boa luz, examinei o espelho e além da mysteriosa inscripção, «Sanc. X. Pal.», pude ver alguns signaes ou marcas heraldicas que se podiam distinguir muito ao de leve, sobre a prata. Devem ser muito, muito antigas, porque estão quasi apagadas. Tanto quanto pude perceber eram tres pon-



Eram dois olhos que olhavam para dentro do quarto

tas de lanças, duas em cima e uma em baixo; hei de mostrá-las ao doutor quando vier amanhã.

**Janeiro, 14.** — Sinto-me perfeitamente bem outra vez, e tenciono continuar o meu trabalho, sem interrupção até ao fim. Mostrei os signaes do espelho ao doutor, que concordou que deviam pertencer a um braço. Está profundamente interessado em tudo quanto lhe tenho contado e fez-me repetir minuciosamente os detalhes. Diverte-me ver como está lutando entre dois desejos oppostos — um que o seu doente perca todos os symptomas da doença, o outro, que o *medium* — porque elle assim me considera — aclare este mysterio do passado.

Aconselhou que continuasse a descançar, mas não se oppoz muito violentamente quando lhe declarei que isso era impossivel enquanto os dez ultimos livros não estivessem confezidos.

**Janeiro, 17.** — Ha tres noites que vejo nada. O meu dia de descanso deu resultado, só me resta uma quarta parte do meu trabalho, mas tenho de fazer um esforço porque os advogados reclamam urgentemente o material com que tem de trabalhar; dar-lhes-hei mais do o sufficiente. Quando realizarem que patife escorregado e manhoso elle é, não-de-me felicitar pelo meu trabalho. Ha de tudo, contas e balanços falsificados, dividendos tirados do capital, perdas lançadas como lucros, aumento de despesas, desvio de dinheiros — nada lhe falta.

**Janeiro, 18.** — Tive outra vez todos os symptomas recurrendos da visão, dores de cabeça, tics nervosos, nevoas na vista, esvaimentos, — e a visão deu-se; e contudo o meu grande desgosto não é que a visão se desse, mas sim que se desvanecesse antes de me revelar tudo. D'esta vez, ainda assim, vi mais. A figura do homem agachado estava agora tão clara como a da mulher a quem agarrava o vestido. Era baixo e trigueiro, usava barba ponteguda. Vestia um gibão de damasco enfeitado de pelles; a côr que prevalecia no seu fato era o encarnado. Que pavor lhe contrae as feições! Encolhe-se e treme olhando como pavor para traz. Na mão que tem livre segura um pequeno punhal, mas está muito tremulo e atarado para se poder servir d'elle. Agora começo a ver mais distinctamente as figuras que estão ao fundo; rostos ferozes, de barba escura, principiam a revelar-se na neblina. Ha entre ellas uma medonha creatura, um homem que parece um esqueleto, de faces chupadas e olhos encovados, que tambem traz um punhal. A direita da mulher está um homem alto, muito severo, de rosto carrancudo e colérico para quem a linda mulher olha supplicante. Este rapaz parece o arbitro dos destinos dos dois, o

homem agachado aproxima-se mais da mulher escondendo-se nas dobras da sua sala. O rapaz alto curva-se e procura afastá-la d'elle. Isto foi o que eu vi hontem á noite. Não chegarei nunca a saber o que tudo isto quer dizer? Que não é uma simples imaginação, tenho a certeza inteira; algures, em tempos remotos esta scena passou-se e este espelho reflectiu-a. Mas quando? Onde?

**Janeiro, 20.** — O meu trabalho está quasi a acabar e é bem tempo; sinto uma tal tensão no cerebro e uma sensação de cansaço intoleravel advertindo-me que qualquer coisa dentro da minha cabeça vae estalar. Já fui até onde podia chegar, com um supremo esforço posso acabar hoje a minha tarefa examinando o ultimo livro. Hei-de fazel-o. Quero-o.

**Fevereiro, 7.** — Consegui. Meu Deus, o que eu vi! Nem sei se terei forças para o escrever!

Quero explicar em primeiro logar, que estou a escrever isto na casa de saude do Dr. Figueiredo, para onde entrei ha quasi tres semanas. Na noite de 20 de janeiro o meu systema nervoso cedeu enfim, e de nada mais me lembro; só recuperei os sentidos no socego d'esta casa e agora posso descançar com a consciencia tranquilla; antes de me render acabei a minha tarefa, as contas estão nas mãos dos advogados. Attingi o alvo.

Agora quero descrever aquella ultima noite. Tinha jurado que havia de acabar o meu trabalho e não abortar estava nelle, que embora sentisse a cabeça a estalar, só levantei os olhos depois de ter feito a ultima somma. Embora tivesse consciencia que coisas extraordinarias se estavam a passar no espelho (sentia-o nas vibrações dos meus nervos e sabia que se olhasse para lá, estava perdido) só olhei depois de ter acabado. Então, a tirando com a penna fóra, com a cabeça a latejar levantei olhos, e que espectáculo aquelle!...

O espelho na sua moldura de prata era como um palco brilhantemente illuminado, onde um drama se desenvolvia.

Já não havia neblina nenhuma: a oppressão dos meus nervos tinha feito esta espantosa nitidez. Cada feição, cada movimento estava tão vivamente desenhado como na vida real. Pensar que um guarda-livros caçado, o ser mais prosaico do mundo, tendo ali os livros de contas dum fallido fraudulento, fosse escolhido entre todos os homens para presenciar tal scena!

Eram a mesma scena e as mesmas figuras, mas o drama tinha adiantado um pouco. O rapaz alto segurava nos braços a mulher, ella esforçava-se por lhe fugir e olhava-o com odio; os outros tinham arrastado o homem para longe d'ella e alguns rodevam-no. Eram homens de grandes barbas

e olhar selvagem; apunhalavam-no e pelo movimento dos seus braços pareciam todos ferir-o ao mesmo tempo; o sangue não corria — esguchava, — o seu fato encarnado estava todo salpicado, o desgraçado atirava-se de um lado a outro vendo-se n'uma bola purpura sobre carmesim. Elles feriam sempre — e o sangue jorrava sempre — era horrivel, horrivel!... Arrastaram-no, lutando ainda, para a porta. A mulher olhava para traz com a boca entreaberta. Eu nada ouvi mas adivinhava-lhe os gritos! E, ou fosse por esta visão que me torturava os nervos, ou porque, acabado o meu trabalho, o excessivo cansaço d'estas semanas passadas caissem sobre mim com um peso esmagador, o quarto pareceu girar, o sobrado afundar-se-me debaixo dos pés, e de nada mais me lembro.

De madrugada a dona da casa achou-me estendido, sem sentidos, deante do espelho de prata e nada mais soube até ha tres dias que accordei na paz profunda d'esta casa de saude.

**Fevereiro, 9.** — Só hoje contei ao doutor o fim da minha visão, por elle não ter consentido que eu lhe falasse nisto antes. Escutou-me absorto e interessado. «Não identifica isso com nenhuma scena, muito conhecida, na historia d'Inglaterra?» perguntou-me desconfiado. Garanti-lhe que me era absolutamente estranha a historia d'Inglaterra. «Não tem a menor idéa d'onde veio aquelle espelho e a quem pertenceu em tempos?» «Eu não, e o senhor sabe alguma coisa?» perguntei-lhe por vêr que elle falava com intenção.

«É' increditavel, continuou, e contudo de que outra maneira se poderia explicar? As scenas que ao principio me descreveu, suggeriram-me uma desconfiança e agora já passou todos os limites da coincidência. Esta noite tirar-lhe-hei uns apontamentos.»

**Mesmo dia, mais tarde.** — O doutor acaba de me deixar e vou tomar nota das suas palavras, o mais exactamente que puder. Começou por pôr em cima da cama uns livros muito velhos, dizendo-me: «Depois pode consultar estes livros á sua vontade. Tendo aqui uns apontamentos que lhe vou mostrar. Não ha duvida que o que viu foi o assassinato de Rizzo pelos fidalgos escoceses na presença de Mary Stuart, que tanto o amou. Essa scena occorreu em março de 1566. A descripção que faz da rainha é exacta; a testa alta e as palpebras pesadas junto a uma grande belleza, não se podem applicar a uma outra mulher. O rapaz alto era seu marido Darnley. «Rizzio, diz o cronista, trazia vestido um gibão largo de damasco, calções de velludo avermelhado; com uma das mãos agarrava no vestido da rainha e na outra um punhal O tal homem de olhos encovados era

Ruthven, que havia pouco se levantara d'uma grande doença. Todos os detalhes são admiraveis.»

«Mas porque fui eu o escolhido, perguntei attonito, porque fui eu entre todos os homens escolhido para vêr tal coisa?»

«Porque o seu estado mental o tornava apto para receber a impressão, porque aconteceu ser dono do espelho onde essa medonha scena estava gravada.»

«E a inscripção?»

«Sanc. X. Pal.?» Pode traduzi-la em Sanctæ Crucis Palatium. Alguem marcou sobre o espelho a sua procedencia. Vinha do palacio de Santa Cruz.»

«Holyrood! (I) exclamei.»

«Exactamente, o seu espelho vem de Holyrood. Agora aceite o conselho do seu medico: escapou d'esta, não se metta noutra.»

(I) Holyrood, nome d'um palacio na Escocia que significa Santa Cruz.

CONAN DOYLE

(VERSÃO DE AMALIA BARBOSA)

## O NATAL

Na mangedoura de Bethlem, está um pequeno menino que dorme. Fóra está o mundo e é noite; o mundo immenso, a noite escura. Posto que a actividade do dia esteja atrasada, e que muitos homens, recolhidos em suas casas, estejam socegados, ouvese ainda durante a noite o rumor da vida, como um murmúrio surdo, que assignala a existencia dos humanos. Barulho de trabalho e barulho de passos, murmúrio de vozes e estrepito da multidão, e de Bethlem e de Jerusalem tão proxima, vem resonar, até a estrebaria tranquilla, o grande barulho de um povo que vive, que soffre e que chorá.

Domina todos estes barulhos, como um lamento, como um murmúrio de dor.

Ha tanta miseria por toda a parte! O esmagamento do escravo pelo seu senhor, do devedor pelo credor, do pobre pelo rico; a oppressão do povo inteiro pelos Romanos, a patria judia mutilada, humilhada, e os patriotas obrigados a morder o frio em silencio, senão á prisão, as galés e a morte. E ainda as dores das quaes Herodes dá exemplo, a vida baixa e suja, nenhuma pureza, nenhuma santidade, nenhum ideal. E depois o desanimo dos melhores, o esquecimento de toda dignidade; o abandono de toda esperanza! Que tristeza e que lastimal!

No meio deste rumor afflictivo, que, como uma vaga, se eleva e submerge tudo, na mangedoura de Bethlem, está um pequeno menino que dorme.

Jesus! E' um bello nome, bem grande, bem pesado a sustentar. Jesus, que diz Salvador, «aquelle que salvará o seu povo de seus peccados». Salvar o seu povo, todo o seu povo, desde o pequeno pastor que, lá, no canto da estrebaria, está delatado perto de suas ovelhas adormecidas, até o rico hoteleiro de Bethlem que não encontrou nenhum lugar em sua casa nem tão pouco em seu coração para receber a pequena creança, até os doutores da lei, altivos e desprezados, que olhavam todo o mundo como indigno d'elles; até o summo sacerdote com

que estivesse no mesmo aposento onde se commetteu o assassinato?»

«Estou convencido que este espelho era d'ella. Tinha sido rainha de França, por isso toda a sua propriedade pessoal devia estar marcada com as armas reaes francezas. O que julgou serem pontas de lança eram na realidade os lyrios de França.»

«E a inscripção?»

«Sanc. X. Pal.?» Pode traduzi-la em Sanctæ Crucis Palatium. Alguem marcou sobre o espelho a sua procedencia. Vinha do palacio de Santa Cruz.»

Como um menino salvará o seu pae? Quando este pobre pae, voltando á casa cansado do seu dia de trabalho, como seu filho o consolará? Passando seus braços em volta do seu pescoço e abraçando-o ternamente.

O amor de uma creança acalma. E quando algum pobre peccador entristecido e desalentado estiver prestes a desesperar, como o menino o reanimará? Dizendo-lhe: «Eu te amo.»

O amor de uma creança purifica. E quando o proprio menino tiver commettido o mal e sentir que entre elle e seu Pae celeste ha um peccado que os separa, como se salvará elle a si proprio? Pondo-se de joelhos e dizendo: «Meu Deus, perdoa-me, pois tu sabes que eu te amo.»

O amor de uma creança salva. Casas leitoras, si sois das que amam, a festa do Natal será para vós uma festa jubilosa, é festa do gozozio de Deus, a festa da salvagão da humanidade!

Na mangedoura de Bethlem, está um pequeno menino que dorme.

(Tradução)

Albina A. Pires de Campos.

«Tu lhe darás o nome de Jesus!»

E, na mangedoura de Bethlem, está um pequeno menino que dorme. O que ninguém poderia fazer, nem mesmo os grandes, nem mesmo os fortes, nem mesmo os sabios, o pequeno menino devia fazel-o. Elle era pois bem poderoso!

Vêde-o, na mangedoura de Bethlem, elle é muito pequeno. Sua mãe, extenuada de cansaço, desprovida de tudo, vela ternamente sobre elle, para o proteger e, ella tem unicamente seus braços e seu coração.

Seu pae adoptivo, carpinteiro de profissão, só pôde rodeal-os, a elle e a ella, de seus cuidados inefficazes.

O pequeno menino Jesus é tambem fraco, tambem descarnado como todas as outras creanças, e entretanto elle é o Salvador.

Mas, será isto quando elle fór grande? Não; já em Bethlem elle era o Salvador, e o será até o fim de sua vida. Tambem até o fim de sua vida, elle ficou pobre e fraco, causado nos caminhos, tendo fome e teudo sede, tendo falta de somno, ultrajado, crucificado. Elle é o Salvador. Pois o que salva os homens, não é a força, nem a riqueza, nem o poder. O que salva os homens é o amor. E, si os homens podem tornar-se grandes, ricos e poderosos, as pequenas creanças podem amar.

Na mangedoura de Bethlem, está um pequeno menino que dorme. As creanças podem amar.

Como salvará um menino o seu povo? Não vamos nem tão longe nem tão depressa.

Toda a correspondencia destinada á REVISTA FEMININA deve ser dirigida á Da. Virgínia de Souza Salles, directora da Empresa Feminina Brasileira, Alameda Glette, 87, São Paulo.

AVISAMOS AS SENHORES ASSIGNANTES CUJAS ASSIGNATURAS TERMINAM NESTE MEZ, QUE DEVEM mandar reformar-as quanto antes evitando assim que seja suspensa a remessa da REVISTA.

## A preguiça é uma doença?

O nosso eminente colaborador Dr. Garcia Fontes estuda neste artigo a preguiça pathologica, a preguiça doente e chama para ella a attenção das mães de familia e dos educadores.

Um resumo do que ultimamente se tem escripto sobre as origens enfermicas da preguiça nas creanças e nos adultos — por meios de a remediar — parecemos materia interessante ás innumeradas mães de familia e professoras que lêem a *Revista Feminina* e que se devem orientar sobre esse ponto importantissimo de educação das creanças engoiadas ou retardadas.

Para tal fim soccorremo-nos dos trabalhos de Hanny, o eminente especialista, citado e reproduzido por Austragesilo e comentado brilhantemente pelo notavel medico e escriptor practico dr. Claudio de Souza, autor de diversos trabalhos scientificos e igualmente do romance *Patrol!* que mereceu uma consagração unanime da critica e do publico. Citaremos um e outro, no decorrer das linhas seguintes, que são apenas um resumo dos trabalhos daquelles auctores:

A actividade infantil é naturalmente turbulenta e desordenada. A creança não domina nem reprime as suas inclinações naturaes hereditarias e adquiridas. Não se moderam essa turbulencia instintiva, reinaria a desordem na escola e na familia. A acção do mestre seria impossivel e a educação não se daria.

É este um facto que todos conhecem por observação pessoal. Além disso já desapareceu a creança de que a creança é naturalmente boa. Pelo contrario as suas tendencias são em regra, contrarias ao livre desenvolvimento do estado normal.

O natural da creança é a vivacidade, a curiosidade, a curiosidade. Quando não se verifica isto, é que ha vicio organico ou doença. São lerdos os meninos obesos, retardados mentaes, esgotados (surmenage escolar), doentes do systema muscular (atrophias musculares, miastenia) em geral os astenicis constitucionaes ou secundarias. Mutatis mutandis: devemos applicar os mesmos principios aos operarios, aos soldados.

Em qualquer agremiação escolar ha sempre duas classes de meninos: A dos expostos e a dos protegidos. A primeira é constituída de siões, tem todos os premios e todos os louvores; a segunda, constituída em grande numero, de doentes, necessitada portanto de um tratamento, recebe os castigos e as censuras.

O mesmo dá-se mais tarde na sociedade; vencem os siões e os pobres doentes, que trazem do berço preguiçosos. A pre e a frouxa, ficam á margem, como mandrágoras relapsos, quando não se lhes dá hospedagem nos estabelecimentos de repressão criminal. A preguiça no entanto é muitas vezes uma doença curavel e póde ter muitas causas.

As convalescencias das doencas prolongadas, sobretudo da grippe, da febre typhoide; certas molestias chronicas como a tuberculose, a lepra; as insufficiencias das glandulas de secreção interna como da tyroide das supra-renaes, da hypophyse, augmentam o nervosismo das preguiçosas morbidas.

Os tardos por enfermidades mentaes e nervosas são muito mais abundantes do que á primeira vista pareceia.

Ha individuos cuja doença se manifesta por insidia periodica. Os periodos podem ser de 15 dias, um mez, tres, seis mezes ou annos. Deos annos a mais, quando a actividade febril, voltando tudo, posteriormente, á normalidade.

Nos manicomos estamos habituados a ver pacientes que, após uma doença mental leve ou moderada, ou chronica, em demencia, que póde ser torpida, e neste caso a sua representação morbida é a preguiça, o estupor, a inação psychica e corporal. Outros doentes que atravessam verdadeiros periodos de liberação, pois, não fallam, não comem por si, não se movem, guardam a mesma posição durante horas, mezes e annos — são os catatonicos. Em muitos delles o somno se prolonga durante mezes; dão a impressáo de um estado de morte aparente, de coma cataleptico.

A debilidade nervosa congenita, a rheusthenia, a obesidade, os desvios das glandulas de secreção interna que intoxicam o systema nervoso, produzem a incapacidade de mandar em si-mesmo, e que só podem ser vencidos a custa de energias supremas, ou por ordem imperiosa de outrem.

Ha pacientes cuja estagnação cerebral é não accouturada que, não raro, são julgados mios ou francos de caracter.

Hanny cita a observação de um rapaz considerado, pelas pessoas do lugar em que morava, o maior preguiçoso da redondeza, porque vivia em ocio permanente, desde o momento em que deixara os estudos. O autor francez reconhece, no rapazola um caso de demencia precoce, que é doença mental frequentissima nos adolescentes, e que póde, ás vezes, passar despercebida aos olhos dos leigos em psychiatria, «maxime», nas formas leves. O mesmo autor narra-nos que certo individuo tinha aversão a qualquer esforço physico, e que pedia para ser preso antes dos exercicios, quando em serviço militar. De uma feita se recusou a formar na marcha para a guerra e a simulação e da verdadeira malandragem, pois muitas penas recadem sobre cabeças innocentes. Os preguiçosos morbidos são acalmados frequentemente de estímulos, insubordinações, malandragens e estas perspectivas constituem os symptomas de estados pathologicos.

Esta desidia morbida póde conduzir o individuo á vagabundagem ou a ser habitador de prisões. Esta marginalização doente é diferente da vadiagem insana que constitue estigma moral de degeneração e que está bem estudada por varios autores.

Os vagabundos instintivos são trapaceiros, fraudulentos, mentirosos, crapulas, ludo-nos e quasi sempre usam a rapiagem como meio de subsistencia. Ao passo que os doentes do preguiça ficam certos pelas cidades, ora esmolando, ora deixando-se ficar nos jardins publicos, nos bancos dormindo ao relento, sem idea de habitar alguém.

Nem toda a preguiça é doença. É preciso pois distinguir a malandragem, de individuos siões, da inerência do pobres siões que nasceram condemnados a vagar sobre as aguas revolvas da vida, como épanves miseraveis e desamparados.

E como toda a doença é susceptivel do tratamento compete ás mães, aos professores, aos medicos, pesquisarem quaes as causas do mal e tratal-as, quando ellas se tornam.

O castigo, que é o remedio habitual, que se emprega para as creanças preguiçosas é inutil e nocuo. Allás o castigo é hoje condemnado no regimen escolar. A disciplina e o estímulos do trabalho devem-se conseguir pelo amor, pelo affeto, pela caridade, pela recompensa e nunca pela punição brutal.

As noções latinas aboliram dos seus regulamentos escolares o castigo corporal, e só admittem como meios disciplinares a que o professor pode recorrer, os seguintes: a «admocção», a reprehensão, a privação do recreio, a detenção na escola, a suspensão temporaria de frequencia, e a expulsão.

A suspensão e a expulsão applicam-se só nos casos de «excepçãoal gravidade». Quaes são esses casos? A falta de respeito ao professor e á escola? Offensas aos compañeros? Nenhuma dessas faltas parece um motivo sufficiente que justifique a adopção de medidas tão graves.

Applicam-se essas penas aos que pela sua má conducta se mostram «refractarios á acção educativa da escola?»

Mas elles não podem influir em creanças com tal organização. Geralmente não comprehendem por que é má a sua conducta, e por isso não reputam justa a medida tomada contra elles.

E com que direito se expulsam da escola os que mais precisam da educação?

Reflectivras á acção educativa da escola são todas as pobres creanças de nervos inconsistentes, já que a escola representa um esforço para a sua energia tibia e debil. Expulsão das escolas é inconcebivel. Ha que não lhes exija a mesma tarefa, o mesmo coefficiente de trabalho que é exigido dos siões; ha que não os deprimir com castigos e punições, para exaltar os siões, que não fazem nenhum esforço para vencer o mesmo trabalho e que na superioridade antipathica de sua força, que é um dom natural para o qual não concorreram — vão, mais para o futuro, apodejam e correm com as pobres creanças que pagam a miseria do um sangue fraco e dissonado, que receberam na partilha da vida.

E ha principalmente — já que aqui não podemos indicar um tratamento para cada caso e cada individuo — que consultar um medico e instituir uma cura. Ha hoje na Alemanha, paiz que se tem avançado nos sistemas de cura physica, uma cura de reeducação do esforço, por meio de graduadas leituras de trabalho acompanhadas de vasta oxigenação do sangue, duchas, massagens e sport — que têm dado resultados espantosos, rehabilitando individuos considerados como preguiçosos e inertes.

(Para a Revista Feminina).

Dr. Garcia Fontes

## CASAMENTOS A FORÇA

Que peccado foi o meu  
Porque me daes tal prisão?

A' dolorida queixa da Mulher contra a oppressão matrimonial, registada num auto de Gil Vicente, responde o Homem afirmando o que julgava os seus absoluteiros direitos:

«... o homem siado  
Traz a mulher sopeada  
Vós não haveis de falar  
Com homem ou mulher que seja;  
Sómente ir á Igreja  
Não vos quero eu deixar  
Já vos pregui a janellas,  
Porque não vos ponhaes nelleis;  
Estareis aqui encerrada.»



O AMOR

Em plena Renascença, como ainda hoje, entre nós, continuava a mulher a ser a escrava do passado.

Estabelecera-lhe a antiguidade a tutela perpetua, por causa da «levandade do seu espirito».

Reflexo das edades primitivas, e das velhas civilizações orientaes, prolongava a legislação esse jugo, bem pouco diferente do rapto e da compra que punha a mulher na posse commum dos homens da tribu.

Com surpresa e applauso dos gregos, vendiam os Chaldeus, no mercado annual, as raparigas bonitas, para dotarem as feias com o dinheiro assim obtido.

Na Grecia, cujos usos matrimoniaes, segundo Strabão, se pareciam com os Lusitanos, eram exclusivamente decididos pelos paes os casamentos.

Apesar da commoída homenagem de Plutarcho ao amor da mulher, e da sua idealização do amor conjugal, quando o casamento era apenas encarado pela necessidade de augmentar a população; apesar da elevação da mulher pelos trovadores, pelos cavalleiros andantes, pela celebração das côrtes de amor, persistiu a tutela na Edade Média, não já com a justificação da levandade, mas como generalização do principio de que todas as pessoas impossibilitadas de se defenderem eram tuteladas.

Todos amavam, cantavam todos o novo amor: reis, principes, guerreiros, sacerdotes, fidalgos trovadores, jograes populares, anonymos interpretes da sentimentalidade plebea.

Redimiam a mulher, escrava do passado, elevavam-a ás côrtes de amor, aos torneios, aos sararus, tornando-a objectivo de um novo culto, em que a humanidade se significava, fazendo a apothese da incançavel renovadora da vida; fugindo aos horrores das fomes, das pestes, da predição do fim do mundo, pela glorificação da eterna fonte do prazer, divinizada pelo paga-

nismo. Mas o costume resistiu a toda a generosa propaganda sentimental. Tornou-se um axioma do direito medieval pertencer ao rei a guarda das viuvas e das orphãs.

Durante o feudalismo, só autorisados pelo suzerano podiam casar os vassallos, ou os seus herdeiros. No caso de pertencer á filha solteira a herança do feudo, tinha o Senhor o direito de lhe impôr o casamento com um guerreiro capaz de «servir o feudo».

Para isso apresentava-lhe diversos pretendentes, afim della escolher marido, sob pena de perder a herança, que revertia ao suzerano.

Com o augmento do poder real, e a frequencia da nobreza á côrte, encarrégaram-se os reis de dotar e casar as filhas dos fidalgos que, para isso, iam servir no paço infantas e rainhas.

Convençidos da sua sciencia certa, obsecados pelo seu absoluteiro poder, arrogavam-se os monarchas o direito de casarem os vassallos, sem os consultar, afirmando que, melhor do que elles, conheciam o que lhes convinha.

Se restavam ao homem, depois desses casamentos por ordem, os desafogos que sempre lhe permitiram os usos, ficava a mulher na mais triste escravidão.

Echão nos documentos do passado a dolorosa queixa da eterna victima, ora em termos lancinantes, como os que nos transmitiram os poetas, ora nas reclamações continuamente levadas ás côrtes.

Haverá cousa peor  
Do que casar mal contente;

diz o romance de *dona Ouliva*.

O capellão André, da côrte de França, em meado do seculo XII, redigiu um codigo do amor, onde formulava os novos pontos de vista postos em moda pelos canceiros.

Reagindo contra a noção barbara do casamento imposto por conveniencia financeira e politica; do casamento resolvido pelo rei, pelo suzerano ou pelo paiz; os que cantavam o amor prégravam a insurreição, precisavam o segredo como a mais necessaria garantia em tempo de barbaras vinganças, e, da mesma forma que hoje se combate o casamento calculista e interesseiro, oppondo-lhe a concepção do amor desprendido dos negocios doates, elles combatiam o casamento imposto, ambicionando o casamento de sentimento.

No livro *De arte reprobatione amoris*, do celebre sacerdote, registavam-se as maximas do novo amor: «Quem não sabe occultar não sabe amar. O amor póde sempre augmentar ou diminuir. Amor divulgado raramente é de duração.

Ninguém pôde engrave-se a dois amores. Prescreve-se a viuvez de dois annos pela morte da pessoa que se ama.

Ninguém pôde amar senão impellido pela esperança de ser amado.

Não convem amar aquella que seria vergonhoso desejar para mulher.

O verdadeiro amor não exige mais do que as caricias do ente amado.

O exito sem contrariedades tira bem depressa ao amor o seu encanto; os obstaculos augmentam-lhe o valor.

O amor que enfraquece cõe rapidamente e raras vezes se reanima.

Occultava-se sempre nas canções o nome da mulher amada:

«Morro de amor sem que saibam por quem. Nem o poderão jámas por mim saber.»

Por causa da violenta pressão do casamento imposto apaixonavam-se até ao desespero os trovadores:

«E quero mal a Deus que me não vale!»

Preferiam a morte á desesperança:

«Tão sem ventura fui que não morri!»

Reflectem as leis, e as reclamações ás côrtes, a lucta contra a oppressão.

Determinára Affonso II:

«porque os matrimonios devem ser livres, e os que são por constrangimento não dão boa scizma; porém mando que nós, nem nossos successores não constrangam ninguem para fazer matrimonio.»

Não impediu porém essa lei que continuasse o despotismo matrimonial, como se deprehende dessa medida de Affonso III:

«que el-rei, nem rico homem, nem nenhum homem poderoso do reino, assim religioso como secular, não constranja, nem force, nenhum homem nem mulher que case contra sua vontade, mas livremente case com quem quer que queira.»

A queixa ás côrtes de Elvas, em 1361, expõe assim a pesada dependencia da mulher, como se vê pela resposta do rei:

«bem sabiamos como os matrimonios de direito são livres, e que devem fazer-se sem constrangimento de ninguem; e que a mulher, para casar, não deve ser pedida ao Principe, e aquelle que a pede deve receber vamos cartas para casarem com elles algumas filhas, gens, que não hão vontade de se casar nem lhes prazdesse casamentos, nem aquelles em cujo poder estão; e que muitas dellas prometiam castidade, por a qual razão se seguia muito danno ás que isto acontecia, e que fosse nossa mercê que não quizessem as taes cartas.»

Respondede então o rei (D. Pedro I) mantendo o direito de premiar com ricas herdeiras os seus servidores, mas prometendo não constranger as escolhidas:

«justo é que os reis hajam de rogar por seus

creados (fidalgos da sua criação) e por aquelles que lhes tem feito serviço, a algumas que casem com elles, quando com justa razão se pode fazer; e quando a ellas aprouver nós lhes faremos por isso mercê, e quando não houverem por seu prolar casar com elles; nós não lhes faremos por isso sem razão nem nenhum outro constrangimento.»

Manteve-se porém o costume, e, dez annos depois, nas côrtes de Lisboa e Porto de 1371, reaparece a queixa da mulher opprimida:

«que as mulheres viúvas, e filhas de homens bons, não fossem constrangidas a casar contra suas vontades.»

Renova-se a reclamação nas côrtes de Coimbra, em 1385:

«dos geras casamentos se aggravaram muito os povos, dizendo que el-rei D. Fernando, e a rainha sua

mulher, por cartas de rogo, faziam casar contra suas vontades assim mulheres viúvas, como outras que estavam em poder de seus paes e parentes, não sendo esses com quem casavam pertencentes para ellas.»

Expunha a queixa a maneira como eram coagidas as que resistiam; a pena applicada á rebelião, a perda dos bens cubiçados pelos protegidos do rei, e que constituíam o motivo da sua infelicidade:

«e se casar não queriam mandavam-as chamar, e traziam-as após si quatro ou cinco mezes, dispendendo o que haviam, e o peor disto que alguns em breve tempo gastavam o que ellas tinham, em maus usos e costumes, deitajdo-as em grandes minguas e pobreza, a qual cousa era contra consciencia e serviço de Deus, e contra a lei porque os casamentos hão de ser feitos.»

Essa frequencia da côrte, já imposta como castigo por D. Pedro, era uma maneira propositada de reduzir a fidalguia que, em duas gerações, arruinada pelo luxo, passava de rival da realza a dependente das suas esmolhas.

Reclamavam a suppressão de taes usos, e tinham direito a esperar que assim succedesse, pois, com a eleição do rei pela Arraia Miuda, deveria operar-se a transição da vida nacional: «e que, porém, lhe

pediam por mercê que taes cartas de casamentos não quizesse fazer.»

Como o pae, prometeu D. João não forçar ninguem a taes consorcios. Aplaudiu a rebelião, que já defrontava a oppressão, e, interpretando o espirito revolucionario que o levára ao throno, incitou a mulher a revoltar-se tambem:

«A isto respondeu el-rei, que não entendia fazer casar ninguem contra sua vontade, e posto que cartas de rogo passasse sobre taes cousas, que cada um fizesse o que entendesse por seu proveito, que elle não entendia de lhe fazer força nem desaguisado por isso, e que cada um respondesse ousadamente, nao curando de taes cartas.»

Quanto a não passar mais cartas de casamento é que não acceceu o rei, não querendo privar-se de semelhante recurso, fiel ao que lhe aconselhára um mestre da politica do tempo, o manhoso Alvaro Paes: «Dae o



O NAMORO

que vosso não é. Reservava-se portanto o direito de pagar serviços com o dote das ricas herdeiras.

Escravidade pelo dote, era a mulher objecto de requerimento de ambiciosos, que obtinham essas «cartas para casar», como poderiam receber uma tença ou uma terra; ou tornava-se na mão do monarcha um emprego, uma moeda, uma prebenda para recompensar serviços, conquistar adhesões, ou comprar consciencias.

Tinham os casamentos feitos por Leonor Telles o visível proposito de corromper:

«Trabalhou-se de haver da sua parte todos os mœurs do reino por casamentos... muitos outros casamentos e accrescentamentos em muitos fidalgos e grandes do reino.»

Essa compra da adhesão do homem por meio da mulher era a antihese da propria significação do dote, que, no mesmo seculo, fixa esta

canção:

«Se el-rei me desse algo já me iria para minha terra de bom grado, e se chegasse, compraria dona formosa, de gran mercado...»

Em collado, não chegaria por comprar corpo tão bem talhado.»

Que constituia uma violencia o casamento imposto, sabia-o bem D. João I, como se vê pelo vigor com que defende o direito de escolher livremente mulher:

«e quanto era em effeito de seu casamento, que pois que os casamentos haviam de ser livres, e os reis, que antes delle foram, em casar eram isentos, que elles não se obrigavam a prometter tal cousa, pero seu talante era de o fazer quando a Deus prouvesse.»

A doutrina que subordinava o casamento do rei ás conveniencias, foi assim referida pelo chronista:

«Os antigos deram por doutrina que o rei, na mulher que houvesse de tomar, principalmente devia d'esguardar nobreza de geração mais que outra alguma causa, que aquelle que o contrario disto fazia, não lhe vinha de bom sizo, mas de sandice.»

Não o queria pois para si, mas, contra o que promettera, não deixou de o praticar, em requintes de tortura moral.

Seria o primeiro politico a cumprir no poder as promessas feitas na opposição.

Consolidado o throno, já não precisava de seguir o conselho de Alvaro Paes; não tinha feudos a prover de fortes guerreiros; preocupava-o a ancia de moralisar, que fóra a paixão de seu pae, de pôr cobro aos desregramentos do reinado do irmão.

É o proposito que lhe attribue o chronista:

«El rei com bom desejo e cuidado das mulheres de sua casa, assim de as guardar de sua queda, em que muitas sem empacho por seu mau sizo vem a cahir... cuidou de casar algumas dellas, e como era de alta discricião e entendimento, bem cuidou que escusado era falar a ellas de quem se contentariam para lhes dar por maridos, sabendo que sem resguardo em semelhantes feitos escolhiam ás vezes para si o contrario daquillo que é sua honra e proveito, a que já se tem outhorgadas.»

Embora em plena florescencia trovadoresca, no

tempo em que a moda multiplicava os nobres exemplos de cavallaria, quando se clavavam os grandes typos amourosos, producto da aspiração de uma sociedade mais perfeita, de uma mulher mais digna, e de um amor mais puro, o amor ainda merecia desdens.

Na opinião do chronista:

«todo o homem namorado tem uma especie de sandice, e isto por duas razões: a primeira, porque aquillo que em alguns é causa intrinseca das outras maneiras de sandice é nestas causas de taes amores; a segunda, porque a virtude estimativa, que é Imperatriz das outras potencias da alma, acerca das cousas sensíveis, é tão doente em taes homens que não julga o objecto da coisa que vê tal qual é, mas tal qual a elle parece, porque elle julga a feia por formosa, e aquella que traz danno ser-lhe proveitosa; e portanto todo o

juizo da razão é submettido acerca de tal objecto, em tanto que qualquer cousa que lhe aconselhem poderá bem receber, mas, quanto acerca de tal mulher a elle prazivel, cousa que lhe digam de bom conselho não recebe, se o conselho é que a deixe não usa delle, antes lhe faz um accrescentamento de dor, que é fóra de todo o bom juizo.»

Guiava-se o rei pelas indicações genealogicas, no evidente proposito do apuramento das raças fidalgas:

«e porém elle que lhes conhecia os paes e as mães, pensou para cada uma o marido igual a ella, e o que elle determinou de lhes dar.»

Desses projectos não suspeitavam as donzellas escolhidas para tronco de novas gerações:

«e tendo-as assim casadas na vontade, trazendo já isto em cuidado, sem o dizer a nenhum, — accrescenta Fernão Lopes —, feze-o saber um dia a todos, por estas palavras:

«— Manda-vos el-rei dizer que vos façaes prestes para desposar de manhá — sem dizer com quem, que não era sabedor o que tal recado levava.»

Tambem só na vespera recebiam os homens a noticia:

«E depois que assim foi dito a ellas, similhantemente o mandou el-rei dizer a elles.»

Tinham ellas e elles naturalmente os seus amores...

A chronica regista sentidamente: «e assim elles, como ellas, tiveram bem que cuidar aquella noite, não sabendo se lhes havia de cahir em sorte quem seu coração tinha outhorgado.»

Certo de que só elle podia dar-lhes honra e proveito, arrastou as victimas ao altar, e só alli, para lhes prolongar a dolorosa incerteza, as acasalou:

«No outro dia levou el-rei consigo os noivos á camara da rainha — continúa o chronista na sua pittoresca linguagem —, e alli disse a cada uma aquella que recebesse.»

Como calculassem, pelo absoluto da determinação, quanto lhes custaria a revolta, obedeceram cegamente, tornando-se maridos e mulheres, contrariados nas suas afeições:

«a cujo mandado [não houve contradição, posto que não acertasse mais de uma a casar com quem tinha em sua vontade].»



O CASAMENTO



Calaram-se, mas, em vez de se resignarem, protestaram a seu modo:

«as outras, pero o calassem, bem deram depois a entender que de tal feito não eram contentes».

Quer dizer que o previdente rei, em vez de as «guardar da sua queda», atirou-as elle proprio, de cabeça para baixo, pois o caso não era para menos.

E foi tal esse «dar a entender» que conseguiu mais do que as côrtes, pois os reis voltavam sempre «com a palavra atrás».

Eis como narra o chronista a confusão do monarcha:

## A PARTILHA

Cantava; e as lagrimas rolavam-lhe em dois fios ao longo da face macilenta. Sofria; mas, como era preciso que o pequenito adormecesse, cantava, indo e vindo, devagar, embalando nos braços a creança.

O mais velho, tres annos, olhava-a e, de quando em quando, cantarolava: «Estou com fome, mamãe... Estou com fome». E o pequenito, insomne, olhava-a, muito esperto, a boquinha collada ao peito. «Estou com fome, mamãe...» cantarolava o outro.

la alta a manhan; mas se o sol alegrava o quintalejo que tristeza em casa!

Viuva, tísica, desfigurada pela molestia e pela fome, tímida de mais para pedir esmolas, que havia de

«El-rei, sabendo disto parte, disse que elle lhes dera maridos assás convinháveis para ellas, de que seriam bem casadas e honradas, e com quem lhes faria muitas mercês; mas que pois assim era que elle jurava e promettia que nunca mais dalli em diante a nenhuma, por idade que houvesse, lhe ordenasse nenhum casamento, salvo se ella ou seus parentes, primeiro pedissem muito por mercê».

Longe de a preservar, a tutela desmoralisava a mulher, tirando-lhe a consciencia da dignidade e da responsabilidade.

*Faustino da Fonseca.*

fazer a desgraçada? «Estou com fome, mamãe... cantarolava o mais velho.

— Espera, filho; espera. Como o pequenito adormecesse a mãe, pé ante pé, deitou-o sobre uma caminha de pannos, a um canto da casa. E o mais velho, seguindo-a, cantarolava sempre: «Estou com fome, mamãe...»

— Não faças bulha; espera. E acenando-lhe, passou á cosinha. Mas que havia de fazer?

Ardia no fogão a derradeira acha e a mãe, os olhos rasos d'agua, poz-se a soprar a lenha para atear o lume, enquanto o filho, que se lhe agarrara ás saias, cantarolava: «Minha mãesinha...» contente com ver a chaleirinha ao fogo. A' mesa, porém, quando a mãe lhe apresentou a tigella e o pedacinho de pão da vespéra, fitou-a amuado:

— Só café, mamãe?

— Só, meu filho...

Levando a colher á bocca elle foi repellido a tigella, com um beicinho, prestes a chorar.

— Não chores. Olha que vais acordar o maninho. Espera.

E, desabotoando o corpinho, tirou o peito farto, apoiado, espremeu-o trincando os labios descorados, por onde as lagrimas escorriam; e, entregando a tigellinha ao filho:

— Toma e não faças bulha. E o pequenito, arregalando os olhos, satisfeito:

— Agora sim... Agora sim... poz-se a cantarolar.

Baixinho, então, ella recommendou: — E não peças mais, ouviste? o outro é para o maninho.

E foi, pé ante pé, expiar o filho que dormia.

COELHO NETTO  
(Da Academia Brasileira)

(Revista Feminina, de S. Paulo)

## VIDA FEMININA

*A Semeadora* — O nosso illustre collaborador e distincto escriptor brasileiro dr. Leopoldo de Freitas, teve a amabilidade de enviar-nos os primeiros numeros da revista feminina *A Semeadora*, que iniciou sua publicação em Lisboa, sob a brilhante direcção de Anna de Castro Osorio e que se dedica especialmente á propaganda feminista e a defesa dos direitos da mulher. É uma bella revista, redigida com elevação de vistas e estylo apurado e que vem ainda mais documentar a perfeita aptidão do nosso sexo ao estudo dos grandes problemas sociais, que preoccupam o espirito do seculo. São do seu artigo de apresentação os seguintes periodos:

«Ao encetarmos a publicação do nosso jornal com a serenidade e a firmeza que nos dão a consciencia de cumprir um dever, sentimo-nos bem longe daquelles apóstolos que fecham os olhos á realidade e só vêem a que desejam ver. Nós, as mulheres, bem ao contrario do

que julgam os que nos prestam as qualidades e os defeitos que mais prazer lhes dão, somos em geral menos sujeitas a ilusões do que os homens.

Pacientes, porque a educação assim nos fez; perseverantes porque não podendo dirigir abertamente o nosso destino, é-nos forçoso aguardar as mil circumstancias fortuitas que nos auxiliem a realizar o que desejamos; habituadas a ver a vida de fóra e a apreciar-a com as suas mentiras e as suas injustiças, de que nos fazem um crime a queixa e o protesto, adquirimos assim uma resistencia para a luta, uma força para a propaganda que todos conhecem, mas raros reconhecem.»

*O primeiro jornal feminino* — O primeiro jornal, redigido por uma mulher, data de 1848 e foi Luiba Otto, uma allemã, que o fez apparecer em Berlim com o título de — «Mulheres! Libertai-vos!» Em 1853, porém, a publicação foi suprimida depois de sua directora ter sustentado numerosas lutas com a policia. Todos os exemplares do jornal foram destruidos, tanto que hoje não se encontra nem um.

De 1848 até hoje o feminismo caminhou a passos gigantescos. Actualmente,

existem numerosissimas publicações feministas: as que se batem pelos direitos politicos da mulher, as que defendem os seus interesses profissionaes, as que se referem á moda, á hygiene, á casa, á criança, á familia, á cosinha, ao jardim, etc., etc.

Um inquerito permittiu conhecer quantas mulheres estão empregadas nas redacções de jornaes. Sobre 420 jornaes do mundo, consultados, 113 responderam. Entre estes, 28 não empregam mulher nenhuma; 47 tem mulheres entre o seu pessoal auxiliar e occasional; 47 tem mulheres como correspondentes e 14 tem mulheres como redactoras. Não se pôde negar que o progresso é sensivel, desde 1848.

*Congresso feminino* — Por carta da nossa distincta collaboradora a Condessa de Castello sabemos que diversas escriptoras europeas, entre as quaes Marcelle Tynaire e Mathilde Serão, trocam neste momento activa correspondencia, para a organisação de um collossal congresso feminino, a realizar-se numa das grandes capitães da Europa, para discutir qual o programma que devem adoptar para uma intervenção valiosa em favor da paz.

SE ao teu bello perfil gracioso e puro,  
Se no teu rosto, de ar grave e delicado,  
Tudo coberto desse avelutado  
Da primavera do peso maduro,

As proporções e as linhas não me empolgo  
Eu traçar com labor calmo e paciente,  
E porquê, só porque, sinceramente,  
Eu não sou dos mais fortes em desenho.

Se da tua cabeça a grava alvora,  
Se o tom da pele, se a expressão distinta,  
Se a cor, em que se esbate a meia tinta  
Numa combinação de leite e rosa.

Eu pintar desejasse, por ventura,  
Com verdade e com arte, sem prejuizo  
Desta ou daquella, fora bem preciso  
Possuir as tintas e saber pintura.

Se dessa voz os móbidos carinhos,  
O argentino cristal dessa garganta,  
Que cascata, variação e canção  
Mais do que uma porção de passarinhos,

O timbre de ouro traduzir quizesse  
E interpretá-lo em tom bem rito e cênico,  
Fora, mais do que tudo, necessário  
Que os segredos da musica eu soubesse.

Se dessa idade os lindos cuidados,  
O sonho, a magua fútil, a chimera,  
Se essa certa e risonha primavera  
Dos teus annos em flor desabrochados,

Verter tentasse em linha curva e correcta,  
Em tela, em paulta, em verso puro e doce  
Seria necessário enfim que eu fosse  
Desenhista, pintor, musico e poeta.

Não ha no mundo quem se descreva  
De tantos ps, vir que tantas artes domem;  
São talentos doulos para uns só laudem,  
Artes doulos para uns só cabeça!

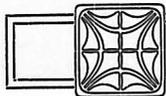
Talento tào, não curtos e diversos  
Não os tenho, confesso, por enquanto;  
Versos não bastam para dizer tanto,  
E a só coisa que sei é fazer versos.

## A uns dezoito annos

(Para a Revista Feminina)



JULIO CESAR DA SILVA



## Pae contra a Mãe

A escravidão levou consigo officios e aparelhos, como terá succedido a outras instituições sociaes. Não cito alguns aparelhos senão por se ligarem a certo officio. Um delles era o ferro ao pescoço, outro o ferro ao pé; havia tambem a mascara de folha de Flandres. A mascara fazia perder o vicio da embriaguez aos escravos, por lhes tapar a bocca. Tinha só tres buracos, dous para ver, um para respirar, e uma fechada atraz da cabeça por um cadeado.

Com o vicio de beber, perdiam a tentação de furtar, porque geralmente era dos vintens do senhor que elles tiravam com que matar a sede, e ali ficavam dous peccados extinctos, e a sobriedade e a honestidade certas. Era grotesca tal mascara, mas a ordem social e humana nem sempre se alcança sem o grotesco, e alguma vez o cruel. Os funileiros as tinham penduradas, á venda, na porta das lojas. Mas não cuidemos de mascaras.

O ferro ao pescoço era applicado aos escravos fujões. Imaginae uma colleira grossa, com a haste grossa tambem, á direita ou á esquerda, até ao alto da cabeça e fechada atraz com chave. Pesava, naturalmente, mas era menos castigo que signal. Escravo que fugia assim, onde quer que andasse, mostrava um reincidente, e com pouco era pegado.

Ha meio seculo, os escravos fugiam com frequencia. Eram muitos, e nem todos gostavam da escravidão. Succedia occasionalmente apanharem pancada, e nem todos gostavam de apanhar pancada. Grande parte era apenas reprehendida; havia alguém de casa que servia de padrinho, e o mesmo dono não era mau; além disso, o sentimento da propriedade moderava a acção, porque dinheiro tambem dóe. A fuga repetia-se, entretanto. Casos houve, ainda que raros, em que o escravo de contrabando, apenas comprado no Vallongo, deitava a correr, sem conhecer as ruas da cidade. Dos que seguiam para casa, não raros, apenas ladinos, pediam ao senhor que lhes marcasse aluguel, e iam ganhar-o fóra, quitandando.

Quem perdia um escravo por fugava algum dinheiro a quem lh'o levasse. Punha anuncios nas folhas publicas, com os signaes do fugido, o nome, a roupa, o defeito physico, se o tinha, o bairro por onde andava e a quantia de gratificação. Quando não vinha a quantia, vinha promessa: «gratificar-se-ha generosamente,

— ou «receberá uma boa gratificação.» Muita vez o anuncio trazia em cima ou ao lado uma vinheia, figura de preto, descalço, correndo, vara ao hombro, e na ponta uma trouxa. Protestava-se com todo o rigor da lei contra quem o acoutasse.

Pegar escravos fugidos era um officio do tempo. Não seria nobre, mas por ser instrumento da força com que se mantêm a lei e a propriedade, era considerada outra nobreza implicita das acções reivindicadoras. Ninguém se mettia em tal officio por desfiarem ou estudo; a pobreza, a necessidade de uma achega, a inaptidão para outros trabalhos, o acaso, e alguma vez o gosto de servir tambem, ainda que por outra via, davam o impulso ao homem que se sentia bastante rijo para pôr ordem á desordem.

Candido Neves, — em familia, Candinho, — é a pessoa a quem se liga a historia de uma fuga, cedeu á pobreza, quando adquiriu o officio de pegar escravos fugidos. Tinha um defeito grave esse homem, não aguentava emprego nem officio, carecia de estabilidade; é o que elle chamava cairporismo. Começou por querer aprender typographia, mas viu cedo que era preciso algum tempo para compôr bem, e ainda assim talvez não ganhasse o bastante; foi o que elle disse a si mesmo. O commercio chamou-lhe a attenção, era carreira boa. Com algum esforço entrou de caixeiro para um armazinho. A obrigação, porém, de attender e servir a todos feria-o na corda do orgulho, e ao cabo de cinco ou seis semanas estava na rua por sua vontade. Fiel de cartorio, continuou de uma repartição annexa ao ministerio do imperio, carteiro e outros empregos foram deixados pouco depois de obtidos.

Quando veiu a paixão da moça Clara, não tinha elle mais que dividas, ainda que poucas, porque morava com um primo, entalhador de officio. Depois de varias tentativas para obter emprego, resolveu adoptar o officio do primo, de que aliás já tomara algumas licções. Não lhe custou apanhar outras, mas querendo aprender depressa, aprendeu mal. Não fazia obras finas nem complicadas, apenas garras para sofás e relevos communs para cadeiras. Queria ter em que trabalhar quando casasse, e o casamento não se demorou muito.

Contava trinta annos, Clara vintem e dous. Ella era orphã, morava com uma tia, Monica, e cosia com ella. Não cosia tanto que não namorasse o seu pouco, mas os namorados ape-

nas queriam matar o tempo; não tinham outro empenho. Passavam ás tardes, olhavam muito para ella, ella para elles, até que a noite a fazia recolher para a costura. O que ella notava é que nenhum delles lhe deixava saudades nem lhe accendia desejos. Talvez nem soubesse o nome de muitos. Queria casar, naturalmente. Era, como lhe dizia a tia, um pescar de caniço, a ver se o peixe pegava, mas o peixe passava de longe; algum que parasse, era só para andar á roda da isca, miral-a, cheiral-a, deital-a e ir a outras.

O amor traz sobrescriptos. Quando a moça viu Candido Neves, sentiu que era este o possivel marido, o marido verdadeiro e unico. O encontro deu-se em um baile; tal foi para lembrar o primeiro officio do namorado, — tal foi a pagina inicial daquello livro, que tinha de sair mal composto e peor brochado. O casamento fez-se onze mezes depois, e foi a mais bella festa das relações dos noivos. Amigas de Clara, menos por amizade que por inveja, tentaram arredal-a do passo que la dar. Não negavam a gentileza do noivo, nem o amor que lhe tinha, nem ainda algumas virtudes; diziam que era dado em demasia a patuscadas.

— Pois ainda bem, replicava a noiva; ao menos, não caso com defunto.

— Não, defunto não; mas é que... Não diziam o que era. Tia Monica, depois do casamento, na casa pobre onde elles se foram abrigar, falou-lhes uma vez nos filhos possiveis. Elles queriam um, um só, embora viesse agravar a necessidade.

— Vocês, se tiverem um filho, morrem de fome, disse a tia á sobrinha.

— Nossa Senhora nos dará de comer, acudiu Clara.

Tia Monica devia ter-lhes feito a advertencia, ou ameaça, quando elle lhe foi pedir a mão da moça; mas tambem ella era amiga de patuscadas, e o casamento seria uma festa, como foi.

A alegria era commum aos tres. O casal ria a proposito de tudo. Os mesmos nomes eram objecto de trocados, Clara, Neves, Candido; não davam que comer, mas davam que rir, e o riso digería-se sem esforço. Ella cosia agora mais, elle saia a empreitadas de uma cousa e outra; não tinha emprego certo.

Nem por isso abriam mão do fihello. O filho é que, não sabendo daquelle desejo especifico, deixava-se

estar escondido na eternidade. Um dia, porém, deu signal de si a creança; varão ou femear, era o fructo abençoado que viria trazer ao casal a suspirada ventura. Tia Monica ficou desorientada, Candido e Clara riram dos seus sustos.

— Deus nos ha de ajudar, titia, insistia a futura mãe.

A noticia correu de visinha a visinha. Não houve mais que esperar a aurora do dia grande. A esposa trabalhava agora com mais vontade, e assim era preciso, uma vez que, além das costuras pagas, tinha de ir fazendo com retalhos o enxoval da creança. A força de pensar nella, vivia já com ella, media-lhe fraldas, cosia-lhe camisas. A porção era escassa, os intervallos longos. Tia Monica ajudava, é certo, ainda que de má vontade.

— Vocês verão a triste vida, suspirava ella.

— Mas as outras creanças não nascem tambem? perguntou Clara.

— Nascem, e acham sempre alguma cousa certa que comer, ainda que pouco...

— Certa como?

— Certa, um emprego, um officio, uma occupação, mas em que é que o pae desafia intellecto creatura que ali vem, gasta o tempo?

Candido Neves, logo que soube daquella advertencia, foi ter com a tia, não aspero, mas muito menos manso que de costume, e lhe perguntou se já algum dia deixára de comer.

— A senhora ainda não jejuou senão pela semana santa, e isso mesmo quando não quer jantar commigo. Nunca deixámos de ter o nosso balthau...

— Bem sei, mas somos tres.

— Seremos quatro.

— Não é a mesma cousa.

— Que quer então que eu faça, além do que faço?

— Alguma cousa mais certa. Veja o marceneiro da esquina, o homem do armazinho, o typographo que casou sabbado, todos têm um emprego certo... Não fique zangado; não digo que você seja vadio, mas a occupação que escolheu, é vaga. Você passa semanas sem vintem.

— Sim, mas lá vem uma noite que compensa tudo, até de sobra. Deus não me abandona, e preto fugido sabe que commigo não brinca; quasi nenhum resiste, muitos entregam-se logo.

Tinha gloria nisto, falava da esperança como de capital seguro. Da-hi a pouco ria, e fazia rir á tia, que era naturalmente alegre, e previa uma patuscada no baptisado.

Candido Neves perdera já o officio de entalhador, como abriam mão de outros muitos, melhores ou piores. Pegar escravos fugidos trouxe-lhe um encanto novo. Não obrigava



a estar longas horas sentado. Só exigia força, olho vivo, paciencia, coragem e um pedaço de corda. Candido Neves lia os anuncios, coplavo-os, mettia-os no bolso e sahia ás pesquisas. Tinha boa memoria. Fixados os signaes e os costumes de um escravo fugido, gastava pouco tempo em achal-o, segural-o, amaral-o e leval-o. A força era muita, a agilidade tambem. Mais de uma vez, a uma esquina, conversando de cousas remotas, via passar um escravo como os outros, e descobria logo que la fugido, quem era, o nome, o dono, a casa deste e a gratificação; interrompia a conversa e ia atraz do vicioso. Não o apanhava logo, escrivava logar azado, e de um salto tinha a gratificação nas mãos. Nem sempre sahia sem sangue, as unhas e os dentes do outro trabalhavam, mas geralmente elle os vencia sem o menor arranhão.

Um dia os lucros entraram a escassear. Os escravos fugidos não vinham já, como d'antes, metter-se nas mãos de Candido Neves. Havia mãos novas e habéis. Como o negocio crescesse, mais de um desempregado pegou em si e numa corda, foi aos jornaes, copiou anuncios e deitou-se á caçada. No proprio bairro havia mais de um competidor. Quer dizer que as dividas de Candido Neves começaram de subir, sem aquelles pagamentos promptos ou quasi promptos dos primeiros tempos. A vida fez-se difficil e dura. Comia-se fiado e mal; comia-se tarde. O senhorio mandava pelos alugueis.

Clara não tinha sequer tempo de remendar a roupa ao marido, tanta era a necessidade de coser para fóra. Tia Monica ajudava a sobrinha, naturalmente. Quando elle chegava á tarde, via-se-lhe pela cara que não trazia vintem. Jantava e sahia outra vez, á cata de algum fugido. Já lhe succedia, ainda que raro, enganar-se de pessoa, e pegar em escravo fiel que ia a serviço de seu senhor; tal era a cegueira da necessidade. Certa vez captiou um preto livre; desfez-se em desculpas, mas recebeu grande somma de murros que lhe deram os parentes do homem.

— E' o que lhe faltava! exclamou tia Monica, ao vel-o entrar, e depois de ouvir narrar o equivooco e suas consequencias. Deixou-se disso, Candido; procure outra vida, outro emprego.

Candido quizera effectivamente fazer outra cousa, não pela razão do conselho, mas por simples gosto de trocar de officio; seria um modo de mudar de pelle ou de pessoa. O peor é que não achava á mão negocio que aprendesse depressa.

A natureza ia andando, o feto crescia, até fazer-se pesado á mãe, antes de nascer. Chegou o oitavo mez, mez de angustias e necessida-

des, menos ainda que o nono, cuja narração dispensei tambem. Melhor é dizer somente os seus effectos. Não podiam ser mais amargos.

— Não, tia Monica! bradou Candinho, recusando um conselho que me custa escrever, quanto mais ao pae ouvi-o. Isso nunca!

Foi na ultima semana do derradeiro mez que a tia Monica deu ao casal o conselho de levar a creança que nascesse á Roda dos enfeitados. Em verdade, não podia haver palavra mais dura de tolerar a dous jovens paes que espreitavam a creança, para beijal-a, guardal-a, vel-a rir, crescer, engordar, pular... Engeitar quê? Engeitar como? Candinho arregalou os olhos para a tia, e acabou dando um murro na mesa de jantar. A mesa, que era velha e desconjuntada, esteve quasi a se desfazer inteiramente. Clara interveiu:

— Titia não fala por mal, Candinho.

— Por mal? replicou tia Monica. Por mal ou por bem, seja o que fór, digo que é o melhor que vocês podem fazer. Vocês devem tudo; a carne e o feijão vão faltando. Se não apparecer algum dinheiro, como é que a familia ha de augmentar? E depois, ha tempo; mais tarde, quando o senhor tiver a vida mais segura, os filhos que vierem serão recebidos com o mesmo cuidado que este ou maior. Este será bem criado, sem lhe faltar nada. Pois então a Roda é alguma praia ou monturo? Lá não se mata ninguém, ninguém morre á toa, emquanto que aqui é certo morrer, se viver á mingua. Enfim...

Tia Monica terminou a phrase com um gesto de hombros, deu as costas e foi metter-se na alcova. Tinha já insinuado aquella solução, mas era a primeira vez que o fazia com tal franqueza e calor. — crueldade, se preferes. Clara estendeu a mão ao marido, como a amparar-lhe o animo; Candido Neves fez uma careta, e chamou maluca á tia, em voz baixa. A ternura dos dous foi interrompida por alguém que batia á porta da rua.

— Quem é? perguntou o marido.

— Sou eu.

Era o dono da casa, credor de tres mezes de aluguel, que vinha em pessoa ameaçar o inquilino. Este quiz que elle entrasse.

— Não é preciso...

— Faça favor.

O credor entrou e recusou sentar-se; deitou os olhos á mobilia para ver se daria algo á penhora; achou que era pouco. Vinha receber os alugueis vencidos, não podia esperar mais; se dentro de cinco dias não fosse dago, pol-o-ia na rua. Não havia trabalhado para regalo dos outros. Ao vel-o, ninguém diria que era proprietario; mas a palavra supria o que faltava ao gesto, e o pobre Candido Neves preferiu calar a retorquir.

Fez uma inclinação de promessa e supplica ao mesmo tempo. O dono da casa não cedeu mais.

— Cinco dias ou rua! repetiu, mettendo a mão no ferrolho da porta e saindo.

Candinho sahiu por outro lado. Nesses lances não chegava nunca ao desespero, contava com algum emprestimo, não sabia como nem onde, mas contava. Demais, recorreu aos annuncios. Achou varios, alguns já velhos, mas em vão os buscava desde muito. Gastou algumas horas sem proveito, e tornou para casa. Ao fim de quatro dias, não achou recursos; lançou mão de empenhos, foi a pessoas amigas do proprietario, não alcançando mais que a ordem de mudança.

A situação era aguda. Não achavam casa, nem contavam com pessoa que lhes emprestasse alguma; era ir para a rua. Não contavam com a tia. Tia Monica teve arte de alcançar aposento para os tres em casa de uma senhora velha e rica, que lhe prometeu emprestar os quartos baixos da casa, ao fundo da cocheira, para os lados de um pateo. Teve ainda a arte maior de não dizer nada aos dous, para que Candido Neves, no desespero da crise, começasse por engeitar o filho e acabasse alcançando algum meio seguro e regular de obter dinheiro; emendar a vida, em summa. Ouvia as queixas de Clara, sem as repetir, é certo, mas sem as consolar. No dia em que fossem obrigados a deixar a casa, fallou-a espantando com a noticia do obsequio e iriam dormir melhor do que cuidassem.

Assim succedeu. Postos fóra da casa, passaram ao aposento de favor, e dous dias depois nasceu a creança. A alegria do pae foi enorme, e a tristeza tambem. Tia Monica insistiu em dar a creança á Roda. — Se você não a quer levar, deixe isso commigo; eu vou á rua dos Barbons. — Candido Neves pediu que não, que esperasse, que elle mesmo a levaria. Notae que era um menino, e que ambos os paes desejavam justamente este sexo. Mal lhe deram algum leite; mas, como chovesse á noite, assentou o pae levar-o á Roda na noite seguinte.

Naquelle reviu todas as suas notas de escravos fugidos. As gratificações pela maior parte eram promessas; algumas traziam a somma escripta e escassa. Uma, porém, subia a cem mil réis. Tratava-se de uma mulata; vinham indicações de gesto e de vestido. Candido Neves andára a pesquizal-a sem melhor fortuna, e abriu mão do negocio; imaginou que algum amante da escrava a houvesse recolhido. Agora, porém, a vista nova da quantia e a necessidade della animaram Candido Neves a fazer um grande esforço derradeiro.

Sahiu de manhã a ver e indagar pela rua e largo da Carioca, rua do Parto e da Ajuda, onde ella parecia andar, segundo o annuncio. Não a achou; apenas um pharmaceutico da rua da Ajuda se lembrava de ter vendido uma onça de qualquer droga, tres dias antes, á pessoa que tinha os signaes indicados. Candido Neves parecia falar como dono da escrava, e agradeceu cortezmente a noticia. Não foi mais feliz com outros fugidos de gratificação incerta ou barata.

Voltou para a triste casa que lhe haviam emprestado. Tia Monica arranjára de si mesma a dieta para a recente mãe, e tinha já o menino para ser levado á Roda. O pae, não obstante o accordo feito, mal ponde esconder a dor do espectáculo. Não quiz comer o que Tia Monica lhe guardára; não tinha fome, disse, e era verdade. Cogitou mil modos de ficar com o filho; nenhum prestava. Não podia esquecer o proprio albergue em que vivia. Consultou a mulher, que se mostrou resignada. Tia Monica pintára-lhe a criação do menino; seria maior miséria, podendo succeder que o filho achasse a morte sem recurso. Candido Neves foi obrigado a cumprir a promessa; pediu á mulher que desse ao filho o resto do leite que elle beberia da mãe. Assim se fez; o pequeno adormeceu, o pae pegou delle, e sahiu na direcção da rua dos Barbons.

Que pensasse mais de uma vez em voltar para casa com elle, é certo; não menos certo é que o agazalhava muito, que o beijava, que lhe cobria o rosto para preserval-o do sereno. Ao entrar na rua da Guarda Velha, Candido Neves começou a afrouxar o passo.

— Hei de entregal-o o mais tarde que puder, murmurou elle.

Mas não sendo a rua infinita ou sequer longa, viria a acabar-a; foi então que lhe occorreu entrar por um dos beccos que ligavam aquella á rua da Ajuda. Chegou ao fim do becco e, indo a dobrar á direita, na direcção do largo da Ajuda, viu do lado opposto, um vulto de mulher; era a mulata fugida. Não dou aqui a commoção de Candido Neves por não podel-o fazer com a intensidade real. Um adjectivo basta; digamos enrome. Descendo a mulher, desceu elle tambem; a poucos passos estava a pharmacia onde obtivera a informação, que referi acima. Entrou, achou o pharmaceutico, pediu-lhe a fineza de guardar a creança por um instante; viria buscá-la sem falta.

— Mas...

Candido Neves não lhe deu tempo de dizer nada; sahiu rapido, atravessou a rua, até ao ponto em que pudesse pegar a mulher sem dar alar-ma. No extremo da rua, quando ella ia a descer a de S. José, Candido

Neves approximou-se della. Era a mesma, era a fujona.

— Arminda! bradou, conforme a nomeava o annuncio.

Arminda voltou-se sem cuidar malicia. Foi só quando elle, tendo tirado o pedaço de corda da algebeira, pegou dos braços da escrava, que ella comprehendeu e quiz fugir. Era já impossivel. Candido Neves, com as mãos robustas, atava-lhe os pulsos e dizia que andasse. A escrava quiz gritar, parece que chegou a soltar alguma voz mais alta que de costume, mas entendeu logo que ninguém viria libertal-a, ao contrario. Pediu então que a soltasse pelo amor de Deus.

— Estou grávida, meu senhor! exclamou. Se Vossa Senhoria tem algum filho, peço-lhe por amor delle que me solte; eu serei sua escrava, vou servir-o pelo tempo que quizer. Me solte, meu senhor moço!

— Siga! repetiu Candido Neves.

— Me solte!

— Não quero demoras; siga!

Houve aqui luta, porque a escrava, gemendo, arrastava-se a si e ao filho. Quem passava ou estava á porta de uma loja, comprehendia o que era e naturalmente não acudia. Arminda ia allegando que o senhor era muito mau, e provavelmente a castigaria com açoutes, — cousa que, no estado em que ella estava, seria peor de sentir. Com certeza, elle lhe mandaria dar açoutes.

— Você é que tem culpa. Quem lhe manda ter filhos e fugir de pois? perguntou Candido Neves.

Não estava em maré de riso, por causa do filho que lá ficára na pharmacia, á espera delle. Tambem é certo que não costumava dizer grandes cousas. Foi arrastando a escrava pela rua dos Ourives, em direcção a da Alfandega, onde residia o senhor. Na esquina desta a luta cresceu; a escrava poz os pés á parede recitou com grande esforço, inutilmente. O que alcançou foi, apesar de ser a casa proxima, gastar mais tempo em lá chegar do que devera. Chegou, emfim, arrastada, desesperada, arquejando. Ainda alli ajoelhou-se, mas em vão. O senhor estava em casa, acudiu ao chamado e ao rumor.

— Aqui está a fujona, disse Candido Neves.

— E' ela mesma.

— Meu senhor!

— Anda, entra...

Arminda cahiu no corredor. Alli mesmo o senhor da escrava abriu a carteira e tirou os cem mil réis de gratificação. Candido Neves guardou as duas notas de cincoenta mil réis, emquanto o senhor novamente dizia a escrava que entrasse. No chão, onde jazia, levada do medo e da dor, e após algum tempo de luta a escrava teve um máu successo.

continua na pag. 29

## OS CAPRICHOS FEMININOS

— Eu estou embaraçada, diz Colette...

— Por que?

— Vou explicar... Faça o favor de fechar a porta. Gustavo está se vestindo na sala de banhos. Poderá nos ouvir.

Eu fecho a porta e volto para me assentar a um canto, perto do fogo.

Em redor de nós está a desordem das grandes tardes de festa. Todas as lampadas electricas estão accensas, o vestido negro e verde que a costureira enviou, quasi muito tarde — oh! as angustias da Colette! — o bello vestido *drapé e volanté*, sombrio e scintillante, está estendido no divan. Minha prima, sentada em frente da *coiffeuse*, parece um desenho de Willette.

Ella acabára de retocar a sua belleza, com um pouco de creme, um pouco de *rouge*, um pouco de negro, um pouco de pó de arroz, como todas as mulheres. Não chega a ser um *maquillage*, é um discreto retoque, uma precaução... A luz electrica, como se sabe, mata a mais linda tez e entre tantas damas ultra-pintadas que enchem os salões, uma pobre mulher joven *à natural* parecerá feneçada.

E' preciso, pois, não esquecer. Colette não abusa dos artificios, mas o usa. Ella mesmo renunciou á agua oxigenada e á camomilla alemá que empregava, para dar reflexos dourados aos seus cabelos castanhos. Estes cabelos que olho, esparsos sobre suas espaldas, não são preciosamente bellos, — mas são bonitos. E' uma cabeleira de séda, de espessura e de comprimento médio, levemente ondulada, e tão doce, tão ligeira que dá vontade de a tomar entre as mãos para se sentir a sua delicadeza voluptuosa. Colette, num gesto rapido, agarra os cabellos, pondo os para traz, lisos, achatados sobre o cráneo. Supponho que é um penteado provisório. A' hora dos *ban-deux*, das franjas e dos *chichis* não tinha soado.

— Não é uma tolice, pergunta minha prima, misturar um homem em historias de *volletes* e de penteados? Os homens têm sobre a elegancia idéas tão estranhas! Quando se tem a desgraça de os consultar, por gen-

teza, ouvimos sempre coisas ridiculas. E ficam contrariados quando não somos da sua opinião. O melhor é fazer o que se entende sem os avisar e depois lhe apresentamos o facto consumado que são obrigados a aceitar... E algumas vezes mesmo, contentes, muito contentes...

Este exordio fez-me pensar. Que



Batem a porta! E' elle...

— E com que direito? V. já está bastante grande para ser responsavel pelo que fizer. Seja razoavel, minha querida! Si V. perguntasse a minha opinião sobre o vestido, eu diria, mas...

— Não se trata do meu vestido! Colette levantou-se e abriu, com precaução a gaveta de uma commoda. E em seguida um especie de *caoussis* verde-esmeralda, de um trabalho curioso e couplado; depois uma coisa violeta e uma coisa vermelha que parecia *cosus* para theatro; emfim, um relissimo balão oval de uma suja cor amarello-arroxado.

— Que é isto? Para que serve isto?

— Isto, diz Colette, isto é... é uma cabeleira!

— Cabellos!

— Perucas... V. bem sabe, peruca de cor, que toda gente usa...

— Toda gente! Quem?

— As mulheres elegantes.

— Desta fórmula não se rei nunca elegante.

— Achas feio, Magdalena?

— E V. acha bonito?

— A gente se habitua muito, eu te garantio, diz Colette, sem responder á minha pergunta. Como fantasia, é verdadeiramente engraçado, não é? E' a cabeleira de todo o mundo.

— Felizmente...

— Oh? minha querida, V. tem *parti-oris* como uma mulher velha... ou como Gustavo.

Ella levantou os hombros e foi postar-se de frente da *coiffeuse*, onde depoz as perucas.

— E estas... fantasias, custam caro, Colette?

— V. julga que eu as compreí? São allugadas. Si V. comprasse-as seria uma fortuna.

— E a qual é que V. vae por?

— Qual? Ah! é o que está me embaraçando justamente. Dá-me a tua opinião. Ficará bem com o vestido verde-negro a cabeleira verde?

— Talvez!

— A vermelha — cor complementa do verde — faria, sem duvida, um effeito mais original, mais deslumbrante?

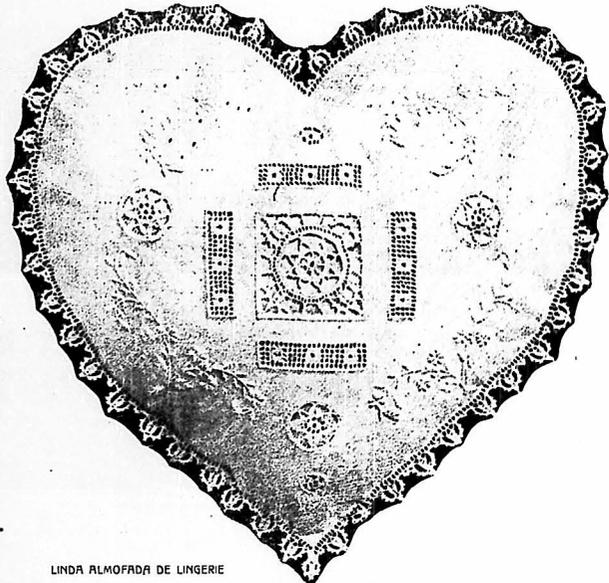
— E' um caso a considerar...

— A peruca violeta teria o encanto da nota imprevisita que surprehende.

continua pag. 26

## TRABALHOS DE AGULHA

**Crochet imitação de renda de Veneza.** — No nosso numero de novembro demos uma amostra de crochet, imitação de renda de Veneza e prometemos ás nossas leitoras que publicariamos no presente numero um lindo trabalho para o qual serviria de centro a nossa amostra. Muitas das nossas leitoras estarão pois esperando ansiosamente a nossa secção e acreditamos que todas vão ficar contentísimas com a bellissima almofadinha que a nossa gravura representa, para a qual vamos aproveitar o nosso quadrado de crochet, ensinando ao mesmo tempo a technica das outras partes do trabalho. A almofadinha além do quadrado do centro, cuja descrição completa figura no nosso numero pas-



LINDA ALMOFADA DE LINGERIE

sado, é ainda composta de tres grandes rodas e duas rodinhas em crochet Cluny e quatro quadros de crochet, imitação de filet ou filet verdadeiro, a vontade.

**Material:** Meio metro de linho branco de 36 pollegadas de largura; meio metro de seda c6r de rosa ou outra c6r delicada para o forro; uma f6rma de almofada em coraçaõ; 2 novelos de linha n. 50; 1 agulha de crochet n. 11; 3 meadas de linha de bordar, n. 20.

**Abreviaturas.** — M. malha, ms. malha solta, ma. malha apertada, md. malha dupla, mt. malha triplíce, p. picot, br. brida, brd. brida dupla, brt. brida triplíce.

**Para as tres grandes rodas.** — 1.ª volta-8 m. soltas e fecha-se a rodinha. 2.ª volta-1 ms. e 16 ma. dentro da rodinha e fecha-se a rodinha. 3.ª volta-6 ms. salta 1 ma. da volta anterior, md. dentro do ponto seguinte 3 ms. salta 1 ma. e faz-se 1 md. dentro do ponto seguinte: repete-se desde 3 ms. e depois: 3 ms. e 1 ponto

dentro da 3.ª das 6 primeiras ms. e fecha-se a volta. 4.ª volta-1 m. s. 4 ma. sobre as 3 ms. seguintes: 1 p. salta a md. seguinte e repete-se 7 vezes desde o 3.ª e fecha-se a volta com um ponto dentro da 1.ª ma., corta-se a linha e remata-se. 5.ª volta-Fazem-se dentro do 1.ª p., duas mt., 8 ms. e 1 brida dupla seguem-se 1 brida dupla, 8 ms. e 1 brd. dentro do p. seguinte e 1 brd., 8 ms. e 1 brd. dentro do p. seguinte; repetir desde 2 ms. e 1 brd. dentro do ultimo p. e 1 ponto para fechar a volta dentro do brd. 6.ª volta-3 ms. e 13 md. sobre as primeiras oito ms. saltam-se os 2 pontos seguintes e fazem-se 14 md. sobre os 8 ms. seguintes: repetir desde 6 seis vezes mais; fechar a volta com 1 ponto dentro da 3.ª ms., cortar a linha e rematar.

**Para as 2 rodinhas.** — 1.ª volta-9 ms. e 1 md. dentro da 1.ª ms., 5 ms. 1 md. dentro da mesma 1.ª ms., 5 ms. 1 ponto dentro da 3.ª das oito ms. seguintes e fechar a volta. 2.ª volta-1 ms. 3 ma. sobre as 5 ms. seguintes 3 ma. 1 p. 3 ma. — então 1 p. salta a md. seguinte e repete 2 vezes mais desde 3; fechar a volta com um ponto dentro da 1.ª ma.; cortar a linha. 3.ª volta-1 ma. dentro do 1.ª p. 7 ms. e meia md. dentro do p. seguinte; 7 ms. e 1 ma. dentro do p. seguinte; repetir desde 3 ms. e meia md. dentro do p. seguinte; 7 ms. e 1 ponto dentro da primeira ma. para fechar a volta. 4.ª volta-1 ms. e depois 1 ma. dentro da mesma ma. 8 ma. sobre as 7 ms. seguintes e 1 ma. dentro do ponto seguinte: Repetir desde 4 vezes ainda e em seguida: 8 ma. sobre as 7 ms. seguintes, 1 ponto dentro da 1.ª ma. para fechar a volta e corta-se a linha.

**Para as tiras de crochet filet.** — 1.ª volta-Começa-se por 21 ms., saltam-se 8 ms. e faz-se 1 md. dentro da 19.ª ms. para formar o primeiro aberto; 2 ms. saltam-se 2 pontos 1 md. dentro do 3.ª ponto para for. 3 abertos mais e 5 ms. e vira-se — essas são para o 1.ª aberto da volta seguinte. 2.ª volta-5 abertos, 5 ms. e vira-3.ª volta-1 aberto, 3 fechados, 1 aberto, 5 ms. e vira-4.ª volta-1 aberto, 1 fechado, 1 aberto, 5 ms. e vira-5.ª volta-1 aberto, 3 fechados, 1 aberto, 5 ms. e vira-6.ª volta-5 abertos, 5 ms. e vira-7.ª volta-5 abertos, 5 ms. e vira-8.ª volta 2 abertos, 1 fechado, 2 abertos 5 ms. e vira-9.ª volta-5 abertos 5 ms. e vira-10.ª volta-5 abertos, 5 ms. e vira-11.ª volta 1 aberto, 3 fechados, 1 aberto 5 ms. e vira-12.ª volta-1 aberto, 1 fechado, 1 aberto, 1 fechado, 1 aberto, 5 ms. e vira-13.ª volta-1 aberto, 3 fechados, 1 aberto, 5 ms. e vira-14.ª volta-5 abertos, 5 ms. e vira-15.ª volta-5 abertos, 5 ms. e vira.

(Continua no proximo numero)

## PO' DE ARROZ

Muito agradável á pelle e de perfumes diversos: industria nacional, mas que rivalisa com as melhores marcas estrangeiras, tanto em qualidade como em acondicionamento

À venda na

CASA BARUEL

: Exigir sempre



## SABÃO

Da mesma marca, perfumado liquido

Preço:

P6 de arroz . . . 28000  
Sabão . . . . . 28000  
e mais 600 réis para o porte

Pedidos pelo Correio á rua de S. Joaquim, 115

V até á cintura por uma ordem de dez botões e encimada por uma dupla gala estreita com estreitas bandas tambem em ottoman de seda azul que limitam pela sua disposiçõ o genero marinheiro e prendem na frente por uma gravata, genero masculino, em tafetas branca, terminando com borlas azues de passamanaria.

Mangas muito compridas, assás amplas na parte superior, terminando por um punho em f6rma de bocca de sino, e guarnecido no ante-braço, um pouco acima do mesmo punho, por diversas de galão.

Cinto «drapé» em «ottoman» azul.

Pequeno toque em palha branca com estreitas abas redondas, guarnecidas dos lados por laçadas de tafetá azul.

**BLUSAS** — Respondo a uma consulta de Mme. H. D.: «Em tecidos para blusas, artigo da *toilette*, que está de novo na ordem do dia, empregam-se muito: *voile de l'Inde*, *marquisette*, *foulard*, *voile de seda*, tafetás, crêpe da China, *luize* de renda e renda, e musselina de seda bordada com fl6res.»

MARINETTE.

## COMO ENFEITAR MINHA CASA

(A ILLUMINURA)

**MARGARIDINHA**, é a miniatura gentil que assigna a confissão seguinte, que não será rara entre as nossas leitoras: «A sua secção é muito interessante; sinto não poder aproveitá-la, para enfeitar a minha casa. Infelizmente tenho pouca habilidade, não tenho em casa uma installação adequada para trabalhos e por mal dos meus peccados não sei desenhar. Meu marido ainda hontem mostrou-se aborrecido — de volta de uma visita que fizemos a uma amiga muito habilidosa, que tem de facto a casa, que é uma tetéa — por me ver tão desaguetada. Eu me desespero, mas o que hei-de fazer? Nem toda a gente nasce com habilidade.»

Effectivamente nem toda a gente é igualmente habilidosa, mas pode-se por contraposição assegurar que não ha nenhuma senhora que seja absolutamente Inhabil, em materia das pequenas artes femininas. Perdo-me a minha gentil Margaridinha o que vou dizer: — O que ha é senhoras pouco perseverantes. Começam um trabalho, encontram um obstaculo e longe de no procurarem vencel-o, largam-descoorçadas, a exclamar: — Não tenho geito para isto! Experimente a gentil Margaridinha — e todas as gentis margaridinhas, que não hão de ser poucas: — a tentar com coragem um primeiro trabalho, a fazer e desfazer, a procurar as indicações que lhe faltam, com uma amiga, com um livro ou com uma professora, e a satisfação que terá em vencer os primeiros obstaculos será tão grande, que d'ahi em diante, todos os trabalhos seguintes lhe darão prazer. E' claro que nem todas as senhoras podem fazer obras-primas; mas todas poderão fazer trabalhos mais ou menos perfectos que alegrarão o seu lar e darão uma linda idea da diligencia e do bom gosto da dona da casa. Quanto a installação adequada, é uma desculpa fragil. Um canto de janella, uma mesinha solida, alguns poucos instrumentos que custam quasi nada ahí está uma installação, que será deliciosa si a janella abrir para um canto de paisagem e ainda mais deliciosa si abrir para um canto da rua, que costume ser transitado por alguém que não nos é indifferente... Quanto a não saber desenhar já nos referimos a este assumpto em chronica anterior. O decaque não foi feito senão para remediar este mal e não faltam modelos á venda para qualquer trabalho.

Assim pois não têm razão as nossas leitoras que se desencorajam por tão pouco.

Da *illuminura* — E' uma das artes que mais deliciosamente dizem com as mãos femininas. Entende-se por *illuminura* a pintura de cores que representa pequenas figuras, fl6res e ornamentos, a modo, de miniatura, com que na Idade media se adornavam as letras capitais e outras partes dos livros e manuscritos em pergaminho. Não sou muito forte em definições e foi porque procurei num dictionarista a definição acima, que, como toda á deaínição perfeita, tem a facilidade de confundir mais ao espirito de quem a lê!

Faço justiça porém ás minhas leitoras que todas terão na sua bibliotheca, um livro de versos ou de contos, quando não seja, o seu livrinho de missa — adornado por essa deliciosas miniaturas que foram o enlevo de uma Idade.

Não conheço nada de mais fino, de mais distincto, de mais encantador para uma mulher elegante e de gosto, do que o trabalho paciente e amoroso de registrar nas paginas de seu livro preferido, em lindas miniaturas coloridas as emoções que lhe fez nascer na alma.

E lembro-me, ao escrever estas linhas, de Marie Wallers, a apaixonada *illuminurista*, do *Douceur de vivre*, de Marcelle Tinayre: «Maria, só no quarto que lhe serve de atelier, copia em miniatura, sobre pergaminho, os fragmentos de um evangelario. O quarto em que ella trabalha, é nas aguas-furtadas e reflecte sua alma; — ordem, pureza, claridade, — pouca alegria, mas nenhuma tristeza. Depois de haver muito chorado Maria tornou-se calma, serena e nem parece agora que se julgue infeliz por não ter a felicidade... Claudio, diz que tudo se deve esperar de uma mulher que vive assim, entregue á sua arte, na altura dos passaros e dos sinos.»

Foi a Arte que a fez resurgir e Maria prepara com paixão uma serie de *illuminuras*, segundo os mestres italianos e flamengos, para adornar o Livro das Annucciões. «Uma dezena estão terminadas. São quasi todas italianas e repetem a mesma scena, em um quadro identico e entretanto nenhuma se parece com a outra. Ha Annucciões alegres e Annucciões tragicas, as da Aurora e as do Crepusculo; violetas como a ametysta e abrazadas como os rubis do amor divino. Cada uma,



Illuminura de capa de um livro

é uma conta do rosario que os pintores catholicos desfiaram através das Idades. E de todas as formas, de todas as côres, de todas as épocas, ellas dizem — Ave-Maria! Com que ternura, com que piedade, Maria as cinzelou! Que encantadora companhia ella encontrou, para o consolo da sua magua, nesses lindos seres vestidos de tunicas esplendidas, inclinadas para a adoração e que enchem o atelier de um cantico mudo e de um *prissou* de azas! São os guardas, os confidentes, os amigos, os consoladores da pobre moça, que entre elles vive, como uma virgem, esquecida por certo do homem, que é impuro e do amor, que é mau.

A illuminura não é por certo uma arte simples. Ella depende de um grau de perfeição, que está por sua vez sob a dependencia da esthesia individual. Ha porém innumeradas dificuldades que a paciencia e a dedicacão vencem com vantagem. A arte do illuminurista, tal como era praticada nos antigos claustros pelos monges sobre os livros religiosos, cedeu um pouco da sua inflexibilidade ás exigencias da evoluçãõ, o que facilitou a sua aprendizagem.

Não posso porem me propor a fazer em algumas linhas a exposiçãõ de um curso inteiro de pintura. Vou dar apenas alguns conselhos, sobre a technica geral e mais alguns detalhes, para o doirado. Com tão pouca coisa não farei por certo da minha leitora, uma illuminurista perfeita, mas a deixarei apta a adornar uma capa de livro, um menu, um cartão-postal, uma folha de papel de carta, os versos de um poeta preferido, etc. etc.

Faz-se primeiramente o desenho á mão livre ou a decalque e completa-se com alguns traços de pintura chata, estylisando o desenho e as côres.

Para a illuminura usam-se as côres humidas que servem para a acquarella e á ellas se junta um pouco de branco — que lhes dá consistencia mais opaca, e algumas gottas de clara de ovo batida nevada e que se deixa repousar. As côres assim preparadas consolidam-se logo e podem ser guardadas por muito tempo e quando devam ser usadas, são humedecidas ligeiramente com um pincel embebido de agua.

Contrariamente ao que se passa com a acquarella pode-se voltar sobre um tom, aclarar com um tom claro uma superficie colorida, estrial-a de traços ou de arabescos com um pincel fino embebido de branco. Com florinhas simples, cercadas por um tom mais carregado, as petalas avivadas de toques claros dispostos em estames, podem-se obter effeitos muito decorativos.

A applicaçãõ do oiro exige paciencia e numerosos e successivos ensaios. Estende-se a principio uma camada de pasta que já se compra preparada e que tem a consistencia do lacre e que é necessario fundir á banho-maria, a uma temperatura elevada. Depois de haver estendido igualmente esta pasta que se endurece immediatamente, passa-se a pincel uma camada de oiro puro em pó, ligeiramente humedecida com agua. Com um burridor, passando e repassando muito de leve, obtem-se a superficie bem polida. Com um afinete póde-se estriar de arabescos a superficie doirada.

EMMA

— Oh! sim, que surprehende... E os outros, aquella peruca de tão relissima cor?...

— Relissima? A cor *tango*! Indignada ella collocou na cabeça o edificio amarello que a emcapuchou completamente. Dir-se-ia que tinham derramado sobre ella uma *omellette* de tomates.

— Oh! Colette! Tire isto! E' horrivel!

— Horrivel?... Não... Mas esta não é o meu genero.

Ella tira a peruca *tango*, substituindo-a pelo *cosy violeta*. Deus! que bizarra phisionomia. Colette, máo grado o creme e o pó, tornou-se vagamente alaranjada. E' a lei das cores complementares que age. Colette olhou-se, fez um gesto de enfado, e tirou a peruca.

Os cabellos escarlates não combinam com o seu genero de belleza muito mais do que os violetas e o *tango*... Vae ella renunciar ao seu capricho. Irá ella fazer o gosto do innocente Gustavo que, deante da porta, canta e se veste, ignorando tranquillamente a encantadora surpresa que o espera?... Vae ella conservar os seus cabellos naturaes, castanhos, tão bonitos?...

— Creio, diz ella, que escolherei a peruca verde, por causa da cor do vestido. Será máo distincto.

Cada um tem as suas idéas sobre *distincção*! Colette, com a cabel-

leira verde se mira com prazer e acha que está com um ar de ondina de Rackham. Eu, da minha parte, penso que ella se assemelha a uma rã, tanto o reflexo da peruca, sobre a sua fronte, é duro. Ella, ao contrario, está encantada. E quando veste o vestido declara que, com um pouco de *rouge* nas faces ficará irresistivel. Elle o muito gentil, Gustavo, mas é tímido, burguez e desprovido de subtilidade em assumpto de esthetica.

— Repara, Magdalena, repara quando elle entrar. Elle ficará pregado no chão, erguerá os braços e exclamará *oh!... oh!... oh!...* E não cansará de gritar: *Estas louca! Tu vae tirar isto!* Mas eu não tirarei isto. São 10 horas. Estamos esperados ás dez e quinze. Gustavo detesta fazer-se esperar. Tem a mania de pontualidade. E, depois de tudo, estarei livre...

— Batem á porta.  
— E' elle... Ah! és tu, Gustavo?... Sim... Nós tambem... Entra... Já pediste o "taxi" pelo telephone? Muito bem.

Gustavo entrou. Elle se aproximou de sua mulher, que o fita e baixa os olhos espantada de o ver tranquillo, sério, amigavel... Por Deus, Gustavo fóra atacado de myopia súbita! Não se congestionará de furor! Não gritará "oh!... oh!... oh!..." Colette, desconcertada, perturba-se.

Ella esperava um ataque e se armára para a represalia.

O ataque não se déra... Gustavo continuava de mãos nos bolsos, na sua attitude habitual, com a sua boa figura e o seu melhor sorriso. Colette não pôde supportar isto. Não podendo apagar o golpe ella o provoca:

— Que tal me achas?...  
— Mas... muito bem...  
Gustavo está louco, provavelmente. Sua mulher dá signaes de inquietude.

— Muito bem?... Realmente?...

— Sim... como *ordinariamente*.

— E... e... tu não me reparaste...

— Em que? Já te disse que estavas muito bem... Não ficaste satisfeita?

— Avia-te que o "taxi" já está a nossa espera... Onde está teu *manjeau*? tua *désharpe*? Vamos, Magdalena.

Oh! Gustavo, humorista irresistivel! Colette está evidentemente bastante enervada. Ella põe o *manjeau*, olha-se ao espelho e, emquanto o marido, cada vez mais apressado, a chama, ella volta, tira o *manjeau* e senta-se.

— Que é isto, diz Gustavo... Estás doente? Olha o "taxi"...

— Não... Eu quero... eu quero...

— Que queres enfim?

— Pouco me importa o "taxi". Quero mudar de cabeleira. Não reparaste ainda que eu estou horrivel com esta peruca?!

Marcelle Tinayre

## TRABALHOS FEMININOS



BANDEJA COMBINADA DE PYROGRAVURA E ESTERLINHA

O fundo desta bandeja é feito de madeira pyrogravada. As bordas são feitas de esterlinha. A primeira volta de torçal de esterlinha deve ser solidamente fixada ao fundo com amarrações de arame forte e com tachinhas. A 2.ª volta é amarrada sobre a 1.ª de accordo com as indicações do nosso nº. anterior. As amarrações da 2.ª volta são feitas sobre a 1.ª volta, voltando o arame e as tachinhas. Cinco voltas são necessarias. Os dois pegadores são feitos com fio grosso de ferro, pregado a madeira do fundo e coberto em seguida com esterlinha. E' um lindo trabalho e muito mais facil de ser executado do que a La vista parece.



PORTA ESCOVAS EM ESTERLINHA

No nosso nº. passado explicamos a technica dos trabalhos de esterlinha. Damos hoje um modelo de porta-escovas. O fundo é feito de papelão grosso coberto de ambos os lados com um tecido japonês, cretone ou qualquer outro. Prende-se um torçal de vinte fios de esterlinha ao papelão e fazem-se as amarrações de meia em meia polegada. Para as amarrações das voltas seguintes, que são em numero de oito, sigam-se as indicações do nosso numero passado.

## DE TODO O BRASIL...

... continuam a chegar cartas e cartões das nossas mais distintas patriotas, muitas das quais estão trabalhando decididamente para a vitória da nossa Revista, cujo futuro brilhante e promissor será a primeira vitória das senhoras brasileiras. Cartas de este estilo primoroso que sentimos não poder transcrever na íntegra, por falta de espaço.

O dr. Olympio Paranhos, de Ipanema, no Estado de Goyaz, com o seu pedido de assignatura enviou-nos capitulante carta cheia de expressões que muito nos penhora e assim concluiu: ... a Revista Feminina que se edita na capital do nosso Estado e que tão largas referências tem merecido da imprensa diária de todo o País, merece o apoio geral de nossas patriotas, e eu pela minha parte farei nesta zona onde residio, larga propaganda para o que solicito de V. Exa. me enviar diversos numeros atrasados. — D. Helena Bernardes Carneiro Junqueira, de Rio Verde, Minas, escreve-nos: — Estou entusiasmada pela Revista Feminina e quero ter o prazer de coadiuvá-la. Vou trabalhar e breve enviarei algumas assignaturas de amigas minhas. — De Mariz, escreve-nos o sr. I. Serapiao G. Santos, ... espero alcançar aqui muitas assignaturas e para isso vou fazer larga propaganda nos jornais desta capital. — O sr. Odirico A. Correa, presidente da Associação Commercial de Corumbá, teve a gentileza de enviar-nos um officio protestando apoio á nossa Revista, e muitos e muitos outros.

Enviaram-nos saudações mais as seguintes pessoas:

— D. Maria José Almada Horta Peres de Bello Horizonte, que nos penhorou com as seguintes expressões: — Lamento só agora ter conhecido a magnífica Revista Feminina e prometto enviar muitas assignaturas não só d'aqui como do Rio e Juiz de Fora onde tenho muitas amigas. — D. Marietta Laranga, Inconfidência, Estado do Rio, que se confessa admiradora da Revista e promete propagá-la entre suas amigas.

— D. Maria de Lourdes Nogueira Prestes, de S. Simão, comunica-nos: — A Revista Feminina tem sido muitíssimo apreciada aqui pelo que envio as mais sinceras congratulações. — Sr. Antonio José Guilherme, de Cancellar, E. de Maranhão: — Eu e minhas filhas temos apreciado imensamente a querida Revista Feminina e não nos cansaremos de propagá-la. — Do sr. J. Moraes Barreto, da Capital, recebemos expressiva carta de applausos e, «que por motivo de ausência prolongada deixa de reformar sua assignatura». — Do sr. Hercules de F. Leite, da Capital: ... as expressões sinceras dos votos que faço para a

constante prosperidade da vossa bem feita e apreciada revista da qual sou leitor assíduo.

— De d. Isabel Correa de Araujo, de Goyana, E. de Pernambuco, enviando-nos duas assignaturas. — D. Olivia B. Leite, de S. João da Bocaina, tenho apreciado muito a vossa Revista e vou esforçar-me para arranjar assignaturas entre minhas amigas. — Alivia de Araujo, Cananéia, enviando-nos mais duas assignaturas. — Alberto Boeke, de Palmyra, Minas. — Cecilia da Costa Caryvalho, de Bello Horizonte. — Emilia Soares, presidente da Bibliotheca de Escola Normal de Bello Horizonte. — Adelia Dalila Severiano, de Redempção, E. do Ceará. — Maria Luiza, de Ijuhy, Rio Grande do Sul. — José Sambouy, Caxias, E. do Rio G. do Sul — Othilia Ribeiro, Uruguayana, Rio G. do Sul — Dorval Santos, Jaguarão, Rio G. do Sul — Hermedina Malta, S. Borja, Rio G. do Sul — Dr. A. J. Oliveira, Uruguayana, Rio G. do Sul — Maria Paim de Sá Brito, Passo Fundo, Rio G. do Sul — Abelino Vieira da Silva, Santa Maria, Rio G. do Sul — Elpha de Carvalho, Pedro Leopoldo, Minas — Anna Amelia Negreiros, Itui — Maria Nazarete Alcantara, Pouso Alegre, Minas — Sebastião M. Gomes, Villa Americana — Maria Eugénia Ribeiro, Serroazinho — Victoria Quintella da Silva, Vaccaria, R. G. do Sul — Manuel Martins de Oliveira, de Santos — Arthur Nunes Pinheiro, Bello Horizonte — Maria Julia de Arruda, Mococa — Candida Nicacio, São Sebastião do Paraíso, Minas — Benedicto Octavio de Moraes, de Limeira — Julieta de Medeiros, Alegrete, Rio G. do Sul — Abílio Chacon, Curraes Novos, Rio G. do Norte — Belmira Bittencourt, Brotas — Catharina Citrangulo, Serra Negra — Zulmira Chevrano, Bom Jardim, E. do Rio — Antonio F. dos Santos, Ibitinga — Helio Lima, Bella Vista, E. de M. Grosso — Sebastiana Miranda de Oliveira, Monte Alto — Julia Fernandes da Silva, Sorocaba — Alice Franco, Lima Duarte, Minas — Margarida Salgado, Pindamonhangaba — Auto Ferraz Leite, Limeira — Waldemar Feijó, Recife — Tobias Leite, Campinas — Maria da Gloria Leonardo, Porto Feliz — Bento L. Chagas, Lorena — Clea Velloso, rua do Sol 40, Recife — Isabella Beltrand de Mello, Muriaé, Minas — Sylvia de Faria, Estação de Sylvania — Elisabeth Sanches, Itajubá, Minas — Sylvio Pires, Parnahyba, E. do Piahy — J. Octaviano Ramos, Blumenau, S. Catharina — Dr. Raul Carvalho, Curitiba — Esther Barboza, Loreto, E. de Maranhão — Julia Theodorico, Guatinguetá — Maria Leonisa de Souza, Camafeita, E. do Ceará — José Francisco Corrêa, Paranaguá, E. do Paraná — Maria Candida Sant'Anna Ramos, de Estação Arantes — Mme. Augusto Ribeiro de Mendonça, Capi-

tal — Viuva Casimiro da Cunha, Vasouras, E. do Rio — Anesia Ribeiro, Oliveira, E. de S. Paulo — Evangelina Vivas de Poços de Caldas, E. de Minas — Judith da Silva Grossi, de Araraquara — Do sr. Alcides Costa de Camairéiras, Bahia, que tem sido incansável na propaganda da Revista, enviando-nos mais 7 assignaturas — D. Maria Pereira, Rebouças — D. Gertrudes de Souza, de Barretos — Mme. Dr. José Loureiro, de Jahú — Arnaldo da Cunha Ferreira, de Paty, E. do Rio — Herminia de Laet, Guapira — Helio Amorim de Pyrenopolis, E. de Goyaz — Jacy Villaga, de Baurú — Andreina Santos, de Baurú — Leontina F. Pacheco, de Annapolis — Carolina Toledo de Sampaio Toledo Arruda, de Jahú — Theophilho Amora, de Fortaleza, Ceará — Adonira C. Westmann, da Capital, que tambem nos enviou 5 assignaturas — Conceição Cantalijas, da Capital — Palmyra P. Pinto, da Capital — Anesia G. Silveira, de Jundiáhy — Elisa Cardoso, Capital — Isabel Alves Pedrosa, da Capital — Nicolao Carneiro Leão, de Americo Brasileiro — I. de Camargo, da Capital — Angelina Mauro de Campinas — Margarida Praxedes Torres, de Rio Preto, Minas — Maria Amalia de Carvalho, de Santo Amaro, Bahia — Lydia de Mello Godoy, de Serra Negra — Dr. Alexandre Tupinambá, de Jahú — Virginia Procopia da Silva, S. Lourença da Matta, Pernambuco — Rosabella M. de Queiroz, Valencia, Bahia — America Dantas, da mesma localidade — Escolastica Baptista, de Jundiáhy — Maria José Cruz, rua do Sol, 65 Maranhão — Alice Martins Prates, Theophilho Ottoni, Minas — Isaura Soares Guimarães, Bento Gonçalves, Rio G. do Sul — Waldomiro Gurgel, Jacarezinho, E. do Paraná — Oscar Augusto Curado Fleury, Uberabinha, Minas.

Boas-Festas. — Recebemos e retribuímos:

D. Ruth Chaves, Santos — Grupo dos 13, Capital — José Sêles, Ribeirão Preto — Dr. Maximiliano Machado, Bahia — Tiro Paulistano, Capital — A Providencia, Caixa Paulista de Pensoes — Casa Pratt, Rio de Janeiro — Margarida Planet, Capital — Americo Martins, Santos — João Antonio Esteves, Corumbá.

## Para limgir os cabelos

Podemos annunciar ás nossas leitoras que, com grandes esforços, conseguimos obter uma nova remessa de PEGAMBINA, o admiravel e inoffensivo preparado, que tão grande successo está fazendo em todo o Mundo e que dá ao cabelo uma linda cor, desde o castanho claro, até o negro azulado. Os pedidos devem ser acompanhados da Importancia de Rs. 10.000, inclusive a despesa do correio.

O fructo de algum tempo entrou sem vida neste mundo, entre os gemidos da mãe e os gestos de desespero do dono. Candido Neves viu todo esse espectáculo. Não sabia que horas eram. Quis saber que fossem, e urgia correr á rua da Ajuda, e foi o que elle fez sem querer conhecer as consequências do desastre.

Quando lá chegou, viu o pharmaceutico sózinho, sem o filho que lhe entregára. Quiz esganal-o. Fe-

lizmente, o pharmaceutico explicou tudo a tempo; o menino estava lá dentro com a familia, e ambos entraram. O pae recebeu o filho com a mesma fúria com que pegára a escrava fujona de ha pouco, fúria diversa, naturalmente, de fúria amor. Agradeceu depressa e mal, e saiu ás carreiras, não para a Roda dos engeltados, mas para a casa de empresario, com o filho e os cem mil reis de gratificação. Tia Monica, ouvida

a explicação, perdoou a volta do pequeno, uma vez que trazia os cem mil reis. Disse, é verdade, algumas palavras duras contra a escrava. Candido Neves, beijando o filho, entre lagrimas verdadeiras, abençoava a fuga e não sé lhe dava do resto.

— Nem todas as creanças vingam, bateu-lhe o coração.

MACHADO DE ASSIS.

## PSYCHOLOGIA FEMININA

A tarde estava triste, cinzenta e ventosa. No carramanchão da Avenida rodeado de trepadeiras, como um ninho de passarinho, uma banda militar tocava musicas alegres, barulhentas que contrastavam com a melancolia do dia que findava. No fundo a mancha nublada e nikelada do mar, a palpitante continuamente como um coração humano e pelo asphalto liso da larga arteria, automoveis deslissavam rapidos e silenciosos, destacando-se em escuro na grande bruma cor de cinza que nessa tarde, envolvia a cidade. Minha amiga e eu, caminhando vagorosamente, conversavamos sobre mil cousas, aconchegando de quando em vez ao corpo, a nossa *Jaquette* confortadora. A brisa um pouco forte, embaralhava-nos os cabelos debaixo do veu e sacudia sem misericordia os nossos *capotiers* de velludo. Ouviamos como em sonho, a ruidosa musica festiva da qual algumas notas desapareciam, levadas pelo vento que se engolhava mais violento pela Avenida elegante. E sentiamos-nos tristes sem saber porque...

\*\*\*

A alma da brasileira é uma alma exaltada, sensível mas excessivamente romantica. Sofremos o influxo de um ceu cinzento, de uma musica triste, de uma narração melancolica.

Ao contrario do que se pensa na Europa, nós somos esmorecidos, hesitantes e facilmente domináveis. Eça de Queiroz no seu romance Os Maias diz que os portuguezes contentam-se em comer azeitonas, contemplando o ceu azul. I nós aqui, contemplamos somente o ceu azulado, desprezando as azeitonas que nos dariam muito trabalho se as quizessemos comer, porque as olivas tem sempre um caroço e seria sempre necessario algum espaço para lançal-o fóra.

Minha amiga e eu pensavamos nisso, mirando a solidão dos bancos que rodeavam o carramanchão harmonioso e o ar de fadiga e de desinteresse impresso na physionomia de algumas pessoas, que passavam e que nem sequer deixavam um olhar curio-

seu veu escondia e que a brisa marítima seccava rapidamente?

Ella sentiu sem duvida o meu olhar apiedado e sem preambulos, embalada pelas ondas que iam e vinham sobre as pedras ponteadas da praia, exclamou!

— Estou tão triste hoje, minha querida! Ha soffrimentos, que por uma tarde melancolica como esta, sobem á tona de nossa alma e como que nos afogam de dôr. Comprehen-des?

Fiz um aceno de cabeça e permaneci calada: é o melhor meio de se obter uma confidencia.

Com um olhar que mergulhava no oceano que tremia como ella, a minha amiga continuou:

— Não posso perdoar ao meu marido a sua infidelidade. Por mais que lucte consigo mesma, que declare exaggerada, não o posso excusar. Entretanto, foi só depois desse crime que elle praticou contra mim, que a sua personalidade me interessava, me attrae e me subjuga. Que alma então é a minha, meu Deus, para que no momento em que devia execral-o, eu me sinto assim empolgada, possuida como uma escrava!

Casiei-me sem amor, sem alicio e só por curiosidade. Não é por isso em geral, que as moças se casam? O meu marido não me agradou, nem me desagradou; era bom, forte e generoso. Pensei tel-o conquistado para todo o sempre e nunca passou pela minha mente de orgulhosa, que um dia elle pudesse trocar-me por outra. E mesmo no instante em que soube desse facto, a minha calma não me abandonou. Parecia ainda impossivel á minha vaidade, que fosse verdadeiro um tal acto! Entretanto, no dia em que a certeza, como um grande clarão rubro, minou a minha alma até então incredula, senti-me ferida para todo o resto da minha vida; primeiro com o odio e depois com o amor, principi a analysal-o e a observal-o. Amor e odio, não são elles companheiros inseparáveis numa alma sentimental e fortemente perturbada pela paixão? Assim tinha eu o meu es-

Mirêi- então com mais cuidado e attenção e verifiquei que nada no seu physico explicava o seu moral. Elegante, bem feita, obedecia as leis da moda e preocupava-se até com isso. Porque então, tamanho soffrimento naquelle olhar azul escuro que fitava o oceano palpitante como ella?

Seria effeito d'aquella tarde doentia, em que o ceu parecia soffrer e por isso envolver-se e esconder-se atraz de véus cinzentos?

Sabia a minha amiga feliz, bem casada e dona de um delicioso ninho em Botafogo. Porque então, aquella angustia desfeita em lagrimas que o



pirito, depois de ter sido ludibriada e severa, me havia jurado fidelidade e amor, deante de outros homens e de um sacerdote! No entanto, desde o momento em que o soube amado e querido por outra, elle se tornou para mim um homem novo, um desconhecido, que eu era obrigada a disputar e que eu devia, ao meu amor proprio, conquistar e subjugar. E começou então uma lucta, em que eu entrei com todas as minhas armas de mulher e elle com a sua indiferença e indolencia de homem. A's vezes, sinto-lhe o olhar admirado e interessado; outras, quando o maltrato, os seus olhos derramam sobre mim uma chamma fria, acerada, quasi assassina. E tenho ao mesmo tempo impetos de beijal-o e impetos de mata-lo!

Que horror, minha amiga, ter-se assim duas almas...

E ella se calou depois de ter encolhido os hombros e extendido os braços, como esperando uma resposta d'aquelle ceu velado que a dominava e d'aquelle mar tremulante e mysterioso como a sua pergunta.

\*\*\*

A Avenida illuminava-se e alegrava-se. A musica tocava mais forte, mais entusiastica. O mar escurecia, reflectindo o ceu negro e fazendo sobre sahir Nichtheroy ao longe, com as suas luzes, pontos brilhantes na negrura da noite. Havia mysterio no ceu, no mar, na terra e no coração dos humanos.

E eu pensei que devia ser uma cousa terrivel, a paixão rubra e dominadora, que assim vergava a minha amiga, tão linda, tão elegante e tão superior!

Lembrei-me então da peça de Leon Gandillot "*Vers l'amour*" repre-

sentada no theatro Antoine em Paris e a comprehendí melhor. Elle demonstra que o amor não é só um sport: é tambem uma terrivel enfermidade que se infiltra no nosso organismo sem que o sintamos e que depois nos empolga de tal modo, que nos conduz involuntariamente á morte. Principia quasi sempre por um leve capricho e termina muitas vezes nas torturas de um sofrimento insupportavel e dominador. E egotistamente, interroguei-me com ansiedade. Não! nada havia a temer para mim.

Sentia-me serena, inaccessivel, abrigada. E mirando a minha amiga, ardentemente empolgada pelos seus pensamentos, murmurei baixinho! *En ne badine pas avec l'amour!*

#### CHRYSANTHÈME

RIO - 1916

(Para a Revista Feminina de S. Paulo)

Poemas  
da Juventude

EMFIM!

(Para a  
Revista Feminina)

Linda, linda no seu vestido de seda alva, de cauda longa, coberto de flores de laranjeira, ella subiu a meu lado a escada alpendrada do nosso ninho adorado.

Ouviamos atraz o borborinho dos amigos e das amigas que subiam tambem, conversando alegremente.

A tarde, serena e tépida, prometia uma noite estrelada, num céu muito azul, como soem ser os céos desse Rio de Janeiro formosissimo e fascinante.

Nos íamos silenciosos, encucados pelos olhares amigos, inundados da felicidade ambicionada, sem encontrar a phrase precisa para pintar o nosso jubilo e a nossa ventura.

No topo da escada um rancho de meninas louras e lindas, vestidas de branco, esperavamos, atirando com as suas mãos pequeninas e rosas beijos e flores.

Lentamente, lentamente, subiamos, demorando a ascensão para ter esse gozo indizível de receber afagos e felicitações que não se repetem jamais.

Ella, feliz e trêmula, sob a chuva de petalas que cahiam, levemente ruborizada sob o seu véo de gaze, silente e bella, parecia-me um anjo, planando no alto em busca do paraizo.

E eu levava-a pelo braço, sem sentir o seu peso, crente de que ella se elevava, por um phenomeno de levitação, sem pousar os pés no solo.

Subito, uma voz nos disse:

— Quero ser a primeira a abraçal-o.

E dous braços chameos dingeram os seus dous corpos unindo-os conjuntamente a um collo amigo, perfumado e palpitante. Era a Annita, a querida Annita, que nos esperava no alpendre e que nos conduziu para a sala.

An lado da doce amiga o seu noivo olhava-nos, cheio de inveja.

E eu, lembrando-me de uma promessa feita, disse baixinho á companheira amada, que o céo me destinava:

— Bem vêa que foi antes da Annita...

A sua mão apertou carinhosamente a minha, os seus olhos fizeram-me deliciosas promessas e os seus labios murmuraram apenas

— Emfim!

GARCIA REDONDO  
(Da Academia Brasileira)

O RISO  
FEMININO

O GRACIOSO SORRISO DA  
ARTISTA MISS CAMPTON



## O MENU DE MEU MARIADO

## Salada de azeitonas e colubrina

Enchem-se as fatias de azeitonas com marmelada de colubrina, depois deixam-se em formas húmidas e deixam-se num lugar fresco. Colocam-se depois em caixinhas de papel. Moem-se quatro colheres de presunto cozido e mistura-se marmelada de colubrina suficiente para cobrir, e tempera-se com pimenta vermelha. Depois de bem misturado, põem-se dentro das caixinhas e enfeitam-se por cima com marmelada. Guarnece-se com folhas de alface.

## Lingua de vacca em caixinhas.

Põe-se numa caçarola 1 fatia de tomate e uma pires cheio de molho pardo; cozinha-se durante vinte minutos.

Disolve-se uma colher cheia de gelatina em uma xícara de água fervendo e mistura-se no molho depois moe-se um pires cheio de lingua cozida, junta-se um pouco de mo-



Salada de azeitonas e colubrina

lho, uma colher de creme e passa-se na panela.

Depois bata-se o resto do molho pardo gelado até espumar, então junta-se a lingua misturada-se bem e enche-se as caixinhas. Guarnece-se com claras de ovos cozidos, serve-se frio.

## Timbales de peixe

Bate-se um ovo com uma xícara de farinha de trigo, meia xícara de leite, e uma colher de azeite. Amassa-se muito bem. Mergulha-se o timbale de ferro na gordura quente e deixa-se durante 4 minutos; enxuga-se e despeja-se dentro a massa até encher a forma; põe-se outra vez na gordura até que cosinhe a massa, depois tira-se da forma. Misturam-se duas colheres de manteiga, duas colheres de farinha de trigo, uma xícara de leite, mexe-se até ferver, põe-se sal, pimenta e uma xícara e meia de peixe cozido e amagado, põe-se para aquecer e depois despeja-se nas caixas.

## Costeletas... fíngidas

Raspa-se bem com uma faca as costeletas de um carneiro que ainda mamme e a carne pisa-se juntando-lhe egual quantidade de batata cozida e amassada, tres ovos, salsa, pimenta, aipo e sal. Depois de tudo bem misturado divide-se em porções eguaes do numero das costeletas que se rasgaram e em meio de cada porção põe-se o respetivo despeito dando-lhes a forma de costeleta. Envolvem-se em ovo batido e pão rollado e frigem-se em banha de toucinho fresco.

## Couve-flór de fricassé

Tome-se uma ou duas couves-flóres que sejam boas, limpam-se das folhas, partem-se em bocados e cozem-se em água e sal; depois escorre-se e passa-se por ovos batidos, frigem-se em manteiga ou pingue de porco. Em seguida faz-se-lhe um molho com cebola picada, salsa, um pouco de pingue e

cinco ou seis colheres de caldo; quando teinha apurado, janta-se-lhe duas gemmas de ovos batidas com sumo de limão, e engrossa-se com uma pouca de farinha de trigo; quando o molho estiver prompto deixa-se por cima dos pedaços da couve e serve-se quente.

## Croquette de bacalhau

Tome-se um bocado de bacalhau cozido, pica-se muito fino, junta-se-lhe depois um refogado de cebola salsa picada e pimento fazendo-se este refogado com manteiga de porco ou azeite; estando bem ligado junta-se um pouco de molho de fricassé e sumo de limão, deixando-se esfriar. Fazem-se depois as croquetes e frigem-se em azeite ou manteiga de porco.

Da mesma maneira se fazem os croquetes de pescada e cherna.

## Empada de peixe

Pica-se bem meio kilo do peixe fresco cento vinte e cinco grammas de pão rallado, meio kilo de manteiga de vacca, quatro gemmas de ovos uma pouca de salsa e sal, e molha-se com uma xícara de bom caldo.

Delta-se tudo isto na caixa de empada, que depois de cozida, se serve quente.

## Empadas e croquetterie

Faz-se uma massa sovada com uma libra de farinha e duas onças de gordura de porco misturada lentamente até se transformar em folhado que se corta em quadradinhos, collocando-se estes sobre uma toalha. Faz-se um picado de carne, cebola branca, pimenta cominhos, um dente de alho, amendoas e passas e com tã se recheiam os quadradinhos do folhado, que vão ao forno sobre tableires de ferro ou se frigem em banhu de porco.

## Frangos com macarrão

Coze-se o frango, lardela-se e atase como se fosse recheado. Com o caldo prepara-se o molho. Ao mesmo tempo ferve-se em água e sal quinhentas grammas de macarrão; escorre-se, põe-se na caçarola e cobre-se com manteiga e queijo cortado ás fatias, muito delgadas, deixando-se-lhe colheres de molho e uma pitada de noz moscada. O macarrão guarnece o frango, juntando-lhe o resto do molho ligado com uma gemma d'ovo.

## Frango passado

Mata-se um frango gordo de quatro mezes e recolhe-se-lhe o sangue que, com a moela, o fígado e o coração se coem em água ligeiramente enfiada.

Tudo isto muito bem picado e temperado serve de recheio ao frango que se unta ex-



Timbales de peixe

teriormente com azeite e vinagre, batidos com pimenta, sal e salsa picada. Envolvem-se em pão rollado e põe-se na tostadeira a fogo pouco vivo. Quando o passado começa a tostar unta-se de novo com azeite e vinagre e vai de novo ao fogo.

Assim se faz por tres vezes, até que o dourado da pelle indica que se pôde servir, untando-se mais uma vez antes de se por na meza.

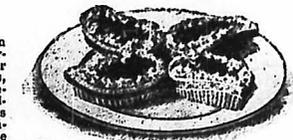
## Fritura de fios de ovos

Batem-se as gemmas dos ovos que se queiram e deitam-se num panno ralo que se espreme bem alto, em fio delgado sobre a manteiga que estará fervendo numa caçarola. Nesta operação devem occupar-se duas pessoas, a que espreme o panno e a que com dois garfos separa os fios do ovo, que vão tirando para fora á proporção que esfirram frictos, extendendo-os sobre um guardanapo que absorverá a gordura.

Para doces fazem-se estes fios deitando-os sobre calda de açúcar e pulverisando-os com canella de Ceilão.

## Tomatada

Cozem-se juntos tomates bem maduros e cebollas. Em seguida, tiradas as sementes aos tomates e cortados em regulares pedaços e as cebollas em rodas, põem-se a apurar um bocado em uma caçarola esmaltada, que vai a lume lento, com um bocado de manteiga, pimenta e sal, mexendo-se tudo durante dez minutos. Delta-se-lhe então em cima uma chavena de bom caldo e entra de



Lingua de vacca em caixinhas

creme de leite crú e torna-se a mexer, juntando-se duas colheres de vinagre e uma de azeite fino.

Mergulham-se neste molho tres ou quatro torradas de pão e estrimam-se tantos ovos quantos são as pessoas a servir.

Tempa-se a caçarola e deixa-se ao lume durante um minuto.

Serve-se na propria caçarola para não romper os ovos.

## Sopa theologica

Compõe-se esta sopa de caldo feito com carne de porco, pombos, vacca, carneiro e um punhado de grão, tudo isto temperado com sal ao paladar e cozido a fogo lento com uma panela com tampo. Collocam-se previamente na terrina quadradinhos de pão fritos em banha de porco ou em manteiga fresca, cenouras, repollo, albegas verdes (tudo cozido em caldo á parte) e cebollas revoltas em sal com agua quente. Os miudos das avos com que se fez o caldo (fígado, coração, moelas, ovarios etc.) picam-se em bocadinhos, juntando-se-lhe rodas de ovos cozidos e sobre tudo isto se lançará o caldo á ferver, tapando-se a terrina á servindo-se a sopa passado dez minutos.

## Vitella guisada

Faz-se um esturgido com cebola picada, um ramo de salsa, uma pitadinha de pimenta, um pouco de pingue de porco e uma colher de manteiga de vacca; quando a cebola estiver a alourar, deitam-se-lhe duas ou tres colheres de agua e duas de vinho do Porto, e a vitella partida em pequenos pedaços; quando ferver deitam-se-lhe mais duas colheres de agua e cenouras em rodas, cebollas e batatas aos quartos, ou talhadas, deixando-se apurar bem e reduzir o molho; estando prompto e bem temperado de sal e pimenta, serve-se.

Castellões - Olga - Gioconda e Luis XV :-: são os melhores cigarros

# Byington & Co.

Engenheiros Electricistas  
e Importadores

LARGO DA MISERICORDIA, 4-4-A  
Teleph. 745 S. PAULO Teleg. ALTAN

FERROS DE ENGOMMAR

AQUECEDORES DE AGUA



FRIGIDEIRAS ESTERILIZADORES

TORRADORES

Os Ventiladores "WESTINGHOUSE," são os melhores - Preços razoaveis

Temos sempre em stock grande sortimento de  
apparehos electricos para uso domestico - Aceita-  
se installações e concertos de luz - Dirijam-se  
á nossa Casa para preços e informações. =



## Pasta dentifricia GRANADO

A melhor para albejar e  
conservar os DENTES



### GUDERIN

é actualmente o remedio mais  
eficaz para o tratamento da  
ANEMIA e Chlorose, AME-  
NORRHEA e Fluxos Brancos,  
DYSMENORRHEA ou falta da menstruação, HEMOR-  
RHAGIAS depois do parto, ESCROFULAS, OPPILLA-  
ÇÃO ou amarelidão, IMPALUDISMO e Malaria, NET-  
KASTHENIA e outras molestias causadas pela POBREZA  
OU VICIO DE SANGUE.

É o remedio que convem ás jovens durante o periodo  
do seu desenvolvimento. o seu effecto é sempre seguro.  
Cuidado com as falsificações e as imitações!

O nosso preparado é conhecido pelo nome de "GUDERIN"  
que está registado em todos os tribunales do commercio.  
Foi examinado e approved pela Directoria Geral da  
Saude do Publico Rio de Janeiro.

#### "Guderin" dá Força e Vida

É o remedio soberano para combater a ANEMIA E  
A FRAQUEZA. Em poucas semanas produz um augmento  
do numero de GLOBULOS VERMELHOS DO SAN-  
GUE, assim como do PESO DO CORPO!!!

Numerosas experiencias feitas em diversos hospitais  
da Alemanha confirmam este resultado.

#### Regenera o Sangue e fortalece os Nervos

O GUDERIN deve ser preferido aos outros remedios  
porque: 1. É um licor agradável ao paladar; 2. É  
de fácil assimilação; 3. Pode ser usado pelos velhos e  
pelas crianças; 4. Não constipa o ventre; 5. Não pre-  
judica os dentes; 6. É, finalmente, de effecto sempre  
certo em todas as molestias em que é indicado.

Remette-se gratis o prospecto explicativo com  
attestados de medicos e doentes que o têm usado. Uni-  
cos fabricantes e proprietarios: Alfred Guddé & Cia.,  
fabrica de productos quimicos, Berlin, Alemanha.

Unicos depositarios para o Brazil: QUEIROZ & CIA. - S. PAULO

# AGUA INGLEZA

TONICA  
FEBRIFUGA E APPERITIVA

# GRANADO

INDICADA NA ANEMIA, DEBILIDADE,  
IMPALUDISMO E CONVALESCENCAS

EXIJAM A  
NOSSA MARCA  
RECUSEM AS IMITACOES



### Indicador da Revista

CLASSE DE PIANO E MUSICA  
do prof. Alvaro Lima  
as aulas funcionam no salão da Casa  
Bevilacqua Rua Direita. Mensalidade  
20\$000

DR. HANSON  
Dentista e Medico  
Formado pela Universidade de Pennsylvania  
(Estados-Unidos) e Faculdade de Medicina do  
Rio de Janeiro  
PALACETE LARA, Rua Quintino Bocayuva No. 4  
Esquina da Rua Direita Telephone No. 1767

DR. DESIDERIO STAPLER  
Ex-substituto da Polyclinica Geral em Vienna Ex-  
cheife de clinica dos hospitais. Cirurgião do Hos-  
pital da Beneficencia Portuguesa de São Paulo.  
operador. Molestias de senhoras.  
CONSULTORIO  
N. 4, Rua Barão de Hangelingua N. 4  
De 1 ás 3 horas da tarde. TELEPHONE 1.407

DRA. CASIMIRA LOUREIRO  
Especialista pelos hospitais de Paris. Gynecolo-  
ga, Partos e operações.  
Consultorio: Rua José Bonifacio, 32. Teleph. 3929  
das 13 ás 15 horas.  
Res. Avenida Hygienopolis, 18 Telephone. 912

Dr. J. FOGAÇA DE ALMEIDA  
Medico - Operador - Parteiro  
Rua Arouche N. 7, 9 ás 11 e ás 3

GUNHA CABRAL & Cia.  
Rua de S. Bento, 35 - SÃO PAULO  
Caixa do Correo, 606  
Vidros, Molduras, Papéis pintados, Espelhos, Ta-  
petes e Capachos

Grande estabelecimento de horticultura  
de FRANCISCO MARENGO  
Plantas de todas as qualidades  
Peçam catalogo para a  
Caixa, 805 - S. PAULO

CASA DOLIVAES  
AGENCIA DAS LOTERIAS DE SÃO PAULO E DA  
CAPITAL FEDERAL.  
Os pedidos do interior, deverão ser dirigidos a  
J. Azevedo & Cia. Casa Dolivaes R. Direita, 10  
SÃO PAULO

FRANCISCO SCHULZ  
Tapeçaria e Fabrica de Venezianas. - Oficina  
de Armador, Estofador e Tapeçeiro. - Rua Santa  
Ephigenia, 9 (Porto do Viaducto) S. Paulo. -  
Telephone, 1723

AO BAZAR ORIENTE  
GABRIEL CHUERY E IRMÃO  
Louças, Ferragens e Armarinhos etc.  
Vendas por atacado e a varejo.  
RUA DA LIBERDADE 22 á e 24 á - S. PAULO

LOTERIA DE SÃO PAULO  
Extrações ás Segundas e Quintas - Feiras  
Premios de 200, 100, 50, 30 e 20 Contos de  
reis. Bilhetes em todas as agencias  
Agentes geraes: J. Azevedo & Cia. J. Antu-  
nes de Abreu & Cia. Amancio Rodrigues dos  
Santos & Cia. e J. U. Sarmento.

MONTE PIO DA FAMILIA  
Sociedade de Seguros Mutuos Autorizada pelo  
Decreto N. 7852 do Governo Federal a funcionar  
na Republica.  
Peculios pagos até 15 de Julho de 1915 4.301.0825  
A primeira sociedade no Brazil que realizou o  
supremo ideal em seguros de vida, pagando aos  
herdeiros do socio fallecido qualquer que seja o  
numero de socios inscriptos na data do falleci-  
mento, o peculio de Rs. 30.000\$000  
Sede: RUA QUINTINO BOCAUYVA No. 4-B  
Esquina da Rua Direita  
Caixa Postal N. 550 SÃO PAULO

## Pó de Arroz Bijou

Muito aderente e imperceptível na cutis  
**PERFUME SUBLIME**

A última criação da Perfumaria

### AMBRA

Vende-se em todas as boas perfumarias

Preço Rs. 1\$500



ELEGANCIA  
CONFORTO  
E  
RESISTENCIA

SÓ  
CALÇADO

**Willaca**  
S. PAULO

## INSTITUTO LUDOVIG

TRATAMENTO DA CUTIS



O Creme Ludovig é o mais perfeito creme de toilette. Branqueia, perfuma e amacia a pelle. Tira cravos, pontos pretos, manchas, panos, espinhas e sardas.

Os preparados do Instituto Ludovig curam e impedem toda e qualquer molestia da cutis.

Para a pelle e cabelo usem os productos de Mme. Ludovig.

Os Institutos Ludovig do Rio de Janeiro e S. Paulo mantem uma seção especial para attender (gratuitamente) a todas as consultas que lhe sejam dirigidas sobre pelle ou cabelo.

Unico Instituto em S. Paulo que garante uma cura radical em todos os defeitos da cutis!

Rua Direita, 55-B : ☎ : S. PAULO

ENVIAMOS CATALOGOS GRATIS

## Comp. Mechanica Importadora de São Paulo

IMPORTADORES de Materiaes para toda classe de Construções e para estradas de ferro, Locomotivas, Trilhos, Carvão, Ferro e Aço em grosso, Oleos, Cimentos, Asphalto, Tubos para abastecimento d'agua, Material electrico, Navios de guerra, Rebocadores, Lanchas e automoveis FIAT, etc.

FABRICANTES DE MACHINAS de Café e para a lavoura, de Material ceramico e sanitario, Fabrica de pregos, Parafusos e rebites. Fundição de Ferro e bronze, etc. GRANDE SERRARIA A VAPOR Constructores e Empreiteiros — AGENTES DE : Robey & Co. — Automoveis "Fiat" — Fabrica de Ferro Esmaltado "Silex" — Comp. Paulista de Louça Esmaltada — Societá Italiana Transaerea "SIT" (Aeroplanos e hydroplanos Bieriotist) etc., etc.

Deposito, Fabricas e Garage :

Rua Monsenhor Andrade e Americo Brasiliense (Braz) Estabelecimento CERAMICO

AGUA BRANCA Telephone, 1o15 Colligios em uso : A. B. C. 5a, edicto, A. L. A. Z., Western Union, Lichten e Bialora.

RIO DE JANEIRO, Av. Rio Branco, 25-Caixa, 1534 SANTOS, Rua Santo Antonio, 108, 110-Caixa, 129 LONDRES, Broad Street House, New Broad Street LONDON E. C.

S. PAULO, Rua 15 de Novembro, 36—Telephone, 244. Caixa do Correo, 51-End. Telegraphico : Mechanica

## PREVIDENCIA

### Caixa Paulista de Pensões

#### Secção de PENSÕES

Pensões Vitalicias de 100\$000 e 150\$000 no maximo, depois de 10 e 15 annos de contribuição.

Capital realisado. . . 9.597.912\$497

Socios inscriptos. . . . . 89.101

#### Secção de PECULIOS

Peculios de 10, 30 e 50 contos de réis mediante contribuições de 10 15 e 50\$000 por fallecimento

Peculios pagos 1.414.000\$000 Funeraes pagos 80.000\$000

Séde em São Paulo Edificio social

Largo da Sé, 2 (1.º andar)



Accessorios para AUTOMOVEIS PNEUMATICOS "MICHELIN"

Gazolina e Oleos. Carga de Accumuladores.

Rua Barão de Itapellíngua, 18 TELEPHONE, 694

### Atelier de Photogravura

GUILHERME WESSEL

Rua Victorino Carmillo, 30-A

TELEPHONE, 4310 SÃO PAULO

Executa-se com maior esmero e maxima promptidão qualquer : trabalho em zincographia, photogravura ou trichromia para obras scientificas, catalogos e revistas illustradas. Trabalho garantido, feito pelos processos mais modernos.

### CASAS VASIAS

Todas as casas, de S. Paulo, antes de receber novos occupantes devem ser desinfectadas. Si vos mudardes para uma casa que não tenha recebido o beneficio da desinfectação, vos ariscades a contrahir molestias contagiosas, pois ignorais quasi sempre a saude dos que viveram nella antes de vós. O Serviço Sanitario de São Paulo vos informará sempre, com segurança, si a casa que pretendes foi desinfectada.

### CASA BARUEL

Rua Direita, 1 — Largo da Sé, 2 SÃO PAULO

As senhoras, e senhoritas que desejem manter sua cutis em perpetuo estado de juventude, não devem esquecer que em nossa Secção especial de Perfumarias, ha os mais finos e modernos Cremes, Cold-Cremes, Leites, Ceras, Loções diversas e de toda especie de productos para Maquillage. Outrosim, recommendamos o nosso variado sortimento de Pomadas, Pós, Cosmeticos. Vernizes e liquidos diversos para o tratamento completo de "Manecure",

BARUEL & CIA.

## Musicas para Piano Tranquillo Giamini-Editor S. Paulo-Rua S. João 127<sup>B</sup> Novidades Escolhidas

Catalogo de musicas e instrumentos remitta-se gratis a quem pedir  
Caixa Postal N. 1205

VALSAS			TANGOS E MAXIXES		
285	Accordes do coração	Lima . . . \$1000	216	Apache Argetin, T Compadrito	Aroztegui . . . \$1000
1006	Amor senza careza	Barbirolli . . \$1500	218	Cabocla de Caxangá	N. N. . . \$1000
289	Amour brulant	Billi . . . \$1500	18	Caprichosa (ta), Tango Criollo	Villoido . . \$1000
1006	Amoureuxse	Berger . . \$1500	334	Caterra (ta), Tango Argentin	De Bassi . . \$1500
108	Baciami	Frontini . . \$1500	37	Choclo (el), Tango Criollo	Villoido . . \$1500
53	Bonita Chilena	Cerato . . \$1500	37	Dernier tango (le), T. Argen.	Deloire . . \$1500
12	Causerie d'Amour	De Cecco . . \$1500	303	Es mia? Celebre T. Argentin	Villa . . . \$1500
252	Cedamus	Menesini . . \$1500	256	Esquinazo (el), Tango Criollo	Villoido . . \$1000
71	Chantecler	Ferrabino . . \$1500	228	Estudiantes (los)	Sempere . . \$1000
1014	Charme d'amour	Cremieux . . \$1500	194	Festiceir, Polka Tangada	Costa . . . \$1500
55	Como esquecer-te	Benjamin . . \$1500	268	Garganta (o), Tan. Brasileiro	Prestes . . \$1000
46	Declaração de Amor	Metallo . . \$1500	221	Gaucha (el), Tango Argentin	Moreno . . \$1000
230	De Nuit	Lo Sena . . \$1500	30	Incendio, Tango Criollo	De Bassi . . \$1000
64	Desolation	Frontini . . \$1500	15	Irresistible (el), Tan. Argentin	Logatti . . \$1000
269	Doce afago	De Carvalho . \$1500	197	Joaquina (Hotel Victoria)	Bergamin . . \$1000
285	Doce enleio	Cavalcanti . . \$1000	190	Lolita, Tango Argentin	Villa . . . \$1000
278	Douce Amour	Bernier . . \$1500	112	Maxixe Brasileiro	Duque-Costa \$1000
179	Dreaming	Joyce . . \$1500	257	Moreninha do Sertão, T. Br.	De Carvalho \$1000
102	Edera	Carosio . . \$1500	353	Nino (el) Tango Argentin	Del Rio . . \$1000
283	Esperia	Cuconato . . \$1500	231	No me toques, Tang. Agen	Grau . . . \$1000
226	Fanny	Blanc . . \$1500	281	Oirato (el)	Ollatam . . \$1000
264	Flor Mimosa	Costa . . \$1500	43	Otario (el), Tango Argentin	Metallo . . \$1500
54	Fremito d'amore	Barbirolli . . \$1500	261	Pampero	Moreno . . \$1000
195	Fulgidas Esperanças	Costa . . \$1500	282	Papagaio (o)	Lages . . . \$1000
201	Hesitation	Shaw . . \$1500	224	Quebra Juca	Bueno . . \$1000
262	Invocation	Nimac . . \$1500	21	Que Pimpollo? T. Argentin	Fracassi . . \$1500
328	Insinuation	N. N. . . \$1500	187	Sinhazinha, Tango Brasileiro	Reis . . . \$1500
267	Labios nacarados	Reis . . \$1500	193	Tango Argentin	Brunetti . . \$1500
277	Linda	De Amorim . \$1000	41	Una noche de garufa, T. Arg.	Arolas . . . \$1000
107	Longe do bem amado	Metallo . . \$1500	292	Urucubaca (a)	Bueno . . . \$1000

E uma infinidade de musicas, Danças Diversas, Two-Step, One-Step, Valsas, Polkas, Tangos e Maxixes, Peçam o grande catalogo para 1916 que enviaremos gratis citando o nome desta Revista

## Exposition Universal — Paris 1900 — Medalha de Prata

O mais alto premio concedido a essa Industria — Exposição ao Grande Palacio Paris 1904 — Membro do Jury fora, concurso

# A. BAUDON

Privilegiado em França ♦ ♦ Casa fundada em São Paulo em 1908

Pernas e braços artificiaes, aparelhos orthopedicos para todas as deformidades — : — : Novas fundas para as hernias mais difficeis — : — : Nova espalda de segurança para fraqueza da espinha dorsal — : — :

CASA DE TODA A CONFIANÇA

S. Paulo \* Rua Barão de Itapetininga n. 57 \* S. Paulo

NOTA: Mme. Baudon especialista: Cintas abdominal, umbilical, gravidez, rins movivel etc., colletes de luxo e soutien gorge sob medida.



## “Chá de Cacáo”

— MARCA REGISTRADA —

Tonico Nutritivo e Estimulante. Reconstituinte da Infancia e da Velhice

Unico Depositario:

J. de Niemeyer.

Av. B. Bulz Anlonio, 175

— Telephone, 5098

A' VENDA NAS CASAS:

Edison, Duchein, Freire, Charles Hu, Pereira, Coutinho, Willi, filto Douro e outras

## PERIODICOS DE MODAS

EDIÇÃO ITALIANA

LA NOVITA' — Revista mensal de Modas. — Assignatura: Anno, Rs. 125000; semestre, Rs. 63000; um numero avulso, Rs. 13000.

LA BIANCHERIA ELEGANTE — Periodico mensal. — Assignatura: Anno, Rs. 108000; semestre, 58000; um numero avulso, Rs. 13000.

LA GRAN MODA PARIGINA — Mensageiro trimestral das Novidades de Modas. — Assignatura: Anno, Rs. 78000; semestre, Rs. 43000; um numero avulso, Rs. 23500.

IL CAPPELLO ELEGANTE — Album de chapéus para senhoras, senhoritas, moças e creanças — modelos elegantes. (Publicação trimestral). — Assignatura: Anno, Rs. 78000; semestre, Rs. 43000; um numero avulso, Rs. 23500.

LA MODA ILLUSTRATA DEI BAMBINI — Jornal pratico para as familias. (Publicação trimestral). — Assignatura: Anno, Rs. 48000; semestre, Rs. 28500; um numero avulso, Rs. 13200.

LA MODA ILLUSTRATA — Semanario illustrado para as familias. — Assignatura: Anno, Rs. 108000; semestre, Rs. 58000; um numero avulso, Rs. 200.

IL SECOLO DELLE SIGNORE — Semanario illustrado de Modas. — Assignatura: Anno, Rs. 108000; semestre, Rs. 58000; um numero avulso, Rs. 200.

IL RICAMO — Semanario de bordados, illustrado. — Assignatura: Anno, Rs. 108000; semestre, Rs. 58000; um numero avulso, Rs. 200.

NOTA — Os pedidos do interior devem vir com a respectiva importancia, em carta registrada com valor declarado e endereçado a *N. Scarpulo*, agente exclusivo de revistas e jornaes estrangeiros, rua 15 de Novembro, 51 — S. Paulo — Caixa Postal, letra minuscula q.

## Cera Paulista

Processo especial  
de fabricação :-:

para moveis e assoalhos  
verdadeira economia vende-se nas casas

Edison, Mauro Muniz de Souza, Manoel Ferreira da Silva e no depositario

## A. L. Campos

RUA S. BENTO, 39 - A - TELEPH. 2624

# É CHEGADA A HORA

..... de comprar terrenos na CRISE para os vender daqui a um anno, na ALTA, quando terminar a guerra... Os melhores terrenos, os mais vendaveis e mais baratos de S. Paulo são os da

## VILLA POMPEIA

Situados na Agua Branca, desde a Avenida, cortando o Parque Antarctica. A Villa Pompeia tem uma area de um milhão e trescentos mil metros quadrados dividida em 17 ruas e uma grande avenida que parte da linha de bonds do Parque Antarctica e se dirige para a Avenida Municipal fechando o grande circuito futuro de avenidas, do largo do Rosario ao largo S. Francisco: — Avenidas S. João, Agua Branca, Pompeia, Municipal, Paulista e Luiz Antonio. São terrenos de valorização fatal; fica no amago dos grandes melhoramentos da Capital.

### Em 18 mezes vendemos oitocentos mil metros!

Acaba de ser installado ao alto da Villa Pompeia o grande reservatorio das aguas da Cotia. Dentro de alguns mezes a Villa Pompeia estará abastecida com a melhor agua potavel da Capital e é sabido a valorização dos terrenos abastecidos d'agua.

### Porque V. não compra terrenos na Villa Pompeia?

PORQUE NÃO TEM DINHEIRO? Nós emprestamos o dinheiro, pois vendemos os terrenos em lotes, SEM JUROS, a prazo muito largo, com qualquer prestação mensal. E' um negocio ideal; o terreno valorisa-se dia a dia, vai portanto ganhando juros porque augmenta de valor e V. o vai pagando sem juros, aos bocadinhos... Quer V. negocio mais intelligente? S. Paulo cresce espontaneamente. Antes de cinco annos terá o dobro da população. Com a guerra europea e a miseria subsequente a immigração augmentará. A nossa crise é toda de momento; a pujança de S. Paulo será sempre victoriosa. E' no momento de crise que se fazem os bons negocios. Não ha em S. Paulo nenhum terreno dos que são annunciados em prestações, que se possa comparar aos terrenos da Villa Pompeia.

### Para informações; Na Companhia Urbana Predial

Escritorio: Largo da Sé, 3 (sobre-loja)

Grandes Armazens de Alimentação : **DUCHEN** : Sortimento enorme de bons vinhos

Champagne Pommery, Clicquot, Moret e Leon Chandon, Le Royal Picard :- bicores nacionaes e estrangeiros, :- Portos a todos os preços, Sandeman, o rei dos vinhos do Porto, extra recommendado :- Chocolates, Bombons, Biscoutos, Conservas, Charcuterie, Passas, nozes, amendoas, avelans, figos e castanhas, Fructas seccas e em caldas, todas as qualidades

O melhor presente, 1 lata BISCOUTOS DUCHEM, sempre agradável — Ainda a lamparina Ideal, sem cheiro nem fumaça, recommenda-se

CASA EDISON

Rua 15 de Novembro, 55

Gustavo Figner

SÃO PAULO

## A ARTE DE SER BELLA

O MAIOR predicado da mulher é ser bella. Nada ha comparavel a um lindo rosto de cutis homogenea, levemente rosada, emoldurado por sedosos e ondulantes cabelos; nada ha comparavel a uns olhos, sejam de que cor e tamanho forem, desde que sejam sombreados por bem traçadas sobrancelhas e pestanas, dos quaes realçam o brilho e a ternura e dão expressão ao olhar; nada ha comparavel a uma bocca bem tratada, os dentes como o jaspe, os labios finos e rosados como o coral e o halito das rosas; nada ha comparavel, enfim, a umas mãos fidalgas, de unhas bem desenhadas, rosadas e luzidas.

Excma. Senhoras e Senhoritas: Foi para attendel-as e facilitar-lhes estes grandes requisitos, que ora lhes apresento os «PRODUCTOS DE BELLEZA ORIENTAL». (Todos os pedidos de productos abaixo devem ser dirigidos á Secção de Perfumarias da CASA EDISON, rua 15 de Novembro, 55 — S. Paulo: Toda correspondencia é tratada confidencialmente).

Lait de Beauté Oriental  
(Leite de Belleza Oriental)

Attingiu a perfeição este maravilhoso leite, de uso agradável. Constitue o mais perfeito ornamento do rosto. Extingue manchas, as sardas, as espinhas, cavos, etc.

Preço 3\$500 Pelo correio 4\$000

Crème de Beauté Oriental

Pelas suas qualidades emolliente e refrigerante embranquece, amacia e assatina a cutis, dando-lhe a transparença natural da juventude.

Preço 3\$000 Pelo correio 4\$000

Poudre de Beauté Oriental  
(Branco, Rosa e Creme)

Fino e impalpavel, de perfume delicioso e penetrante, composto de pura farinha de arroz, adhere á cutis, avelludando-a e imprimindo-lhe o seu delicioso perfume.

Preço 5\$000 Pelo correio 6\$000

Rouge Oriental Illusion  
NÃO ESTRAGA A PELLE

E' o do effeito mais natural e persistente e de facil applicação.

USA-SE: depois do LEITE ou do CREME ORIENTAL, com um panno fino esticado na ponta do dedo, ou só com o dedo indicador toca-se ligeiramente no ROUGE e applica-se friccionando-se ligeiramente, até que se espalhe e adhira completamente.

Preço 2\$000 Pelo correio 2\$500

Rouge Oriental des Lèvres  
DOS LABIOS

Adhere aos labios, tornando-os macios e frescos. applica-se do mesmo modo que o «ROUGE ILLUSION».

Preço 2\$000 Pelo correio 2\$500

Khoil Oriental pour les Yeux  
(PARA OS OLHOS)

Para sombreadar as orbitas, avigorar, dá vida e expressão ás pestanas e ás sobrancelhas. (Instruções em cada tubo)

Preço 2\$000 Pelo correio 2\$500

Email Oriental (Brilhante das unhas)

Para acção mechanica sobre as unhas, quer usando com polidor ou com o dedo, produz um brilho viro e duradouro tornando as unhas transparentes

Preço 1\$500 Pelo correio 2\$000

Depilatorio Oriental

(Garantido inoffensivo)

MODO DE USAR: Em um pires collocar-se em um pouco de pó DEPI-LATORIO e uma pequena quantidade de agua, sufficiente para fazer uma massa homogenea da consistencia da pomada, applicando-se a quantidade necessaria para cobrir a parte em que se quizer eliminar o cabelo, o buço ou rudimentos de barba.

A applicação deve ser feita com o dedo para que o DEPI-LATORIO fique bem distribuido. Passados 5 minutos depois da applicação, lava-se bem, com agua pura.

Preço 6\$000 Pelo correio 7\$000

### “LADY”

Pó de arroz compacto e adherente. Este pó é pratico e economico. Dá á cutis maciez e frescura impregnando-a com o seu fino perfume de flores.

Cada pedido de 10\$000 das especialidades acima dá direito a uma caixa de pó de arroz LADY. Desejamos introduzir esta especialidade de real merecimento; fazemos por isso esta offerta ás gentis leitoras desta Revista. As leitoras ou leitores que fizerem um pedido de 10\$000 e nos enviarem 10 endereços de suas relações, a quem possam interessar estas e outras especialidades da nossa casa, enviamos gratis, além da caixa de «Pó de arroz Lady» uma ou outra lembrança da nossa casa.

### O pião magico



De effeito caleidoscopio. Maravilhosa invenção norte-americana. Positivamente o mais maravilhoso pião do mundo. Produz com seus seis discos coloridos e os 4 interruptores muitas centenas de transformações e entrelaças de cores. Diverte toda a familia. E' um mysterio de cores. O melhor resultado obtém-se girando o pião num prato.

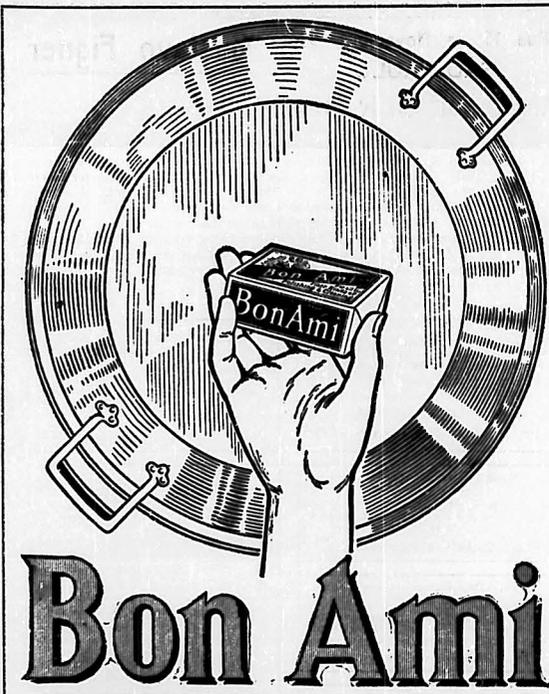
Preço 3\$000, porte 600 rs.—3 por 9\$000 livre de porte

### Maravilhosa e rapida transformação do chapéu

VELHO EM NOVO



Com o uso da nova «Pastilha-Hat Bleach» uma pessoa pôde obter de um chapéu velho, um chapéu novo, claro, elegante, distincto, como si o tivesse comprado na loja naquelle momento. Limpará qualquer palha de cor natural dentro de 5 minutos. Palhas francezas, chilenas, Panamás, palhas italianas, outras quaisquer sejam as mais finas e delicadas a «Pastilha» limpará attingindo todas as fibras e dobras. Não deixa signal, não estraga absolutamente nem a forma, nem a linha com que esta fór costurada.—Preço: uma caixa contendo 8 pastilhas custam 2\$000, livre de porte, 3 caixas do pastilhas enviamos mediante 5\$500.



**BON AMI**

é o que ha de melhor para limpar Prataria, objectos de Crystofle e outros metaes, por mais finos e delicados que sejam

**Unico que não arranha**

Agente geral para todo o Brasil

**E. H. KRISCHKE**

□□□□

**SÃO PAULO**

LARGO DA SE' 2-A

□□□□

A venda em toda a parte

**A ECONOMISADORA PAULISTA**

**CAIXA INTERNACIONAL DE PENSÕES**

Rubião; Gerente: Sr. Gustavo Olynto de Aquino; Secretario: Sr. Antonio de Araujo Novas Junior; Thesoureiro: Sr. Herculano de Carvalho.

**CONSELHO FISCAL:**

Srs. Dr. Francisco de Toledo Malta, Dr. J. Ribeiro de Almeida, Arthur Ferreira Lima, Cel. Benedicto Duarte Passos, Francisco Teixeira de Carvalho, Derval Junqueira de Aquino, Dr. Evaristo Bacellar e Archimedes Roubaud.

Peçam hoje prospectos á ECONOMISADORA, Palacete da Providencia, Rua 15 de Novembro, entrada pelo Largo da Sé.

**CASA GENIN**

Especialidade em artigos para trabalhos de senhoras: para bordar; para crochet; tricot; filot, macramé, lacet, frivolidé, inhanduty (Teneriffe). Artigos para confecção de flóres artificiaes. Machinas para bordar e todos os aviamentos para trabalhar com as mesmas. Bastidores redondos, de quadro, de collo, com pé, de todos os tamanhos, lãs e linhas de todas as qualidades e grossuras, torças de seda e de algodão e mercerisados, sedas para bordar, lavavel e de Alger, talagarças de todas as qualidades, etamines, setins, pellicias, volúdos, linhos etc.

Papel de seda branco e de côres. Papéis crespos, dourados, prateados, pergaminhos cartonados e de Bristol.

Riscos para qualquer trabalho, acham-se sempre promptos e fazem-se do encomenda bem como letras e monogrammas. Aviam-se encomendas para o interior.

**Genin & Filho**

RUA 15 DE NOVEMBRO, 8-A — S. PAULO

Telephone 1008

Caixa Postal 204

**Perfumaria Helios**

**Agua de Colonia GRANADO**

O perfume favorito das damas.

A melhor para o banho e o toucador.

**ADALIUS**

O mais elegante livro sobre cozinha até hoje publicado.

Contem grande copia de receitas de cozinha, doces, licores etc. todas experimentadas e muito praticas.

Elegante livrinho util a toda a dona de casa e de grande proveito para as moças.

Preço 1000 Réis

Remettam essa importancia em sellos do correio com o vosso endereço a *Empresa Feminina Brasileira* Alameda Glete, 87 — São Paulo e immediatamente receberéis o Adalius pela volta do correio.

**O VICIO DE ROER AS UNHAS**

Temos em mãos neste momento um excellent preparado, da Mfg. Drugs S. Paulo C., para evitar o vicio de roer as unhas, que é muito commum nas creanças e sempre prejudicial, provocando lesões no estomago e casos frequentes de appendicite com morte em 24 horas.

Quem vê uma linda creança, com os dedinhos postos na bocca côr de rosa, roendo as unhas, não imagina muitas vezes os perigos a que ella se expõe e cuja responsabilidade cabe ás mães imprevidentes e descuidadas. Por um accordo com a *Manufacturing Co.*, podemos aceitar os pedidos das nossas leitoras, ao preço de 5\$500 o vidro de livre porte.

**Recetas de Toilette**

Para evitar o mau cheiro da transpiração

Não pode haver nada de mais martyrisante para uma senhora elegante do que uma exhalação impura qualquer, por exemplo, o mau cheiro da transpiração, que é impossivel esconder, principalmente num baile, numa partida de tennis ou em qualquer sport. Toda a belleza, toda a graça, todo o encanto da mulher, desaparecem de chofre; todo o veu de sonho que a aureolava, toda a phantasia em que o olhar embevecido do homem a envolvia fundem-se á rajada cruel... A culpa exclusiva porém é da mulher. E' simplicissimo evitar e eliminar de vez o suor excessivo ou o seu mau cheiro; basta usar o *Xelol*, que custa relativamente barato e que sendo um pó, (como o pó de arroz) as senhoras podem usar com facilidade. O resultado é tão extraordinario que, a pedido de muitas das nossas leitoras, fizemos vir de Paris, uma nova remessa de *Xelol*, que não se encontra á venda no Brasil — e remetteremos pelo correio a quem nos solicitar ao preço de 6\$000 e mais 500 réis para porte do correio. O preço do *Xelol* como de todos os preparados extrangeiros, subiu muito, devido á guerra.

**MOLESTIAS CONTAGIOSAS**

A Directoria do Serviço Sanitario faz publica que são molestias de notificação compulsoria: a varíola; a esparilha; a peste; o cholera; a febre amarella; a difteria; a infecção puerperal; a ophthalmia dos recém-nascidos nas maternidades; o typho e as febres typhoides e paratyphicas; a tuberculose abarta; a lepra ulcerada; o impudicidillo purulento; a dysenteria; a coqueluche, sarampo e a parotidite nos collegios, asylos e habitações collectivias; a meningite cerebro-spinal epidémica.

São obrigados a esta notificação: a) o medico chamado para prestar cuidados ao enfermo; b) o proprietario responsavel pelo prédio de habitação collectivias; c) o director ou chefe do estabelecimento, fabrica, collegio ou asylo onde estiver o doente; d) o chefe da familia; e) o parente mais proximo que residir com o enfermo; f) o enfermeiro ou o encarregado do enfermo mais proximo.

O secretario,  
JOAQUIM R. TEIXEIRA.

**REMESSAS PELO CORREIO:** — Atendendo ao pedido da grande numero de leitoras resolvemos enviar ás nossas leitoras do interior, os artigos necessarios para trabalhos de agulha. Todos os pedidos deverão vir acompanhados da respectiva importancia e mais 600 réis para porte. Os artigos que não puderem seguir pelo Correio, serão enviados por estrada de ferro, frete a pagar.

Ricas albums de modelos. Tamanho grande gravuras nitidas e desenhos irreprehensiveis, para trabalhos, a saber: Filot Michelle, — um 3\$000 — Bordados com Malizes (com desenhos de cavéis) — um 3\$500 — Ponto de cruz, colibriões — Bordados sobre etamina — um 4\$000 a serie de tres 1\$000 — Bordados sobre etamina colibriões, um 1\$500 — Trabalhos variados sobre seda, linho, algodão e motivos de renda, um 4\$000 — Filot bordado, um 3\$000 — Renda de Tenerife ou inhanduty, um 3\$500 — Trabalhos diversos para senhoras, um 3\$000, Renda renascença com desenho em panno, um 3\$000 — Rendas e franjas macramé, um 3\$500 — Tricot, um 4\$000.

**GUERRA AS MOSCAS**

A mosca é o mais perigoso dos insectos transmite alem de outras molestias, a tuberculose, a febre typhoid, e a gastro enterite das creanças. Devemos impedir a entrada das moscas nas nossas casas, resguardando dellas os alimentos e as vasilhas que os contém. As moscas criam-se nos monturos, nas estrumeiras e dali vêm para as casas. Si suprimirmos os monturos, se fizermos rasar o maior asylo em todas as dependencias das nossas casas, em todos os terrenos, as moscas desaparecerão, não encontrando onde possam deitar os ovos e criar as larvas.

Os mosquitos, alem de incomodios, são perigosos. Transmittem varias molestias, entre ellas a febre amarella, o impudicidillo e a lepra.

Os mosquitos se criam nas aguas paradas, onde as femeas depois de picar os animaes e o homem, depositam os ovos.

Devemos guardar os mosquitos, não só matando-os, com fumaça do pó de pyrethro, como tambem suprimindo todas as aguas paradas onde elles põem ovos. As aguas que não puderem ser removidas como as de ralos, esgotos, etc. deverão ser petradas, com 10 grammas de kerozeno por metro quadrado, todas as semanas.

**Para ennegrecer os cabelos**

Ha innumerables receitas para dar a côr pra aos cabelos, mas todas as tinturas existentes são muito perigosas porque são á base de nitrato de prata, de sales de chumbo, de cobre, de cobalto e até—parece incrível!—cyanureto de potassio, que é um toxico perigosissimo, que pode envenenar rapidamente. As mais communs são as tinturas progressivas tolas á base de nitrato de prata, cuja absorção dá lugar a uma intoxicação lenta, que termina por um cancro do figado ou por uma arterio-sclerose ou ainda por accidentes mais graves.

As duas unicas formulas inoffensivas são o *Henné* verdadeiro para dar aos cabelos a côr loira ou castanho-claro e a *Petalina*, que tingo desde o castanho até um bello negro luscante e vivo, que illude á pessoa mais capota.

É preciso não confundir o verdadeiro *Henné*—que é uma farinha vegetal que vem do Oriente e que não existe á venda no Brasil—com diversas tinturas que se encontram á venda no nosso commercio, á base de sales de prata e de chumbo e com o rotulo de *Henné*. A pedido de diversas leitoras nós estamos fazendo esforços para importar do Oriente o verdadeiro *Henné*—para as nossas leitoras—mas a guerra veio annullar os nossos esforços.

A *Petalina*, que é absolutamente inoffensiva, nós conseguimos que os senhores John Regent e Co. fizessem vir da Europa e ás nossas leitoras que desejarem fazer desaparecer os seus cabelos brancos, poderemos servir de intermediaria enviando-lhes a *Petalina*, que não temos davela em recomendar. Com a *Petalina* em dez minutos faz-se a pintura, podendo lavarse a cabeça em agua e pôr brilhantismo ou qualquer otro resultado, sufficiente para applicação por mez. Simples, facil, perfeito e inoffensivo. Basta enviar á importancia de dez mil réis o endereço á Empresa Feminina Brasileira, Alameda Glete, 87 — S. Paulo.

# "A União Mutua"

Companhia Constructora e de Crédito Popular

## DUAS NOVAS SÉRIES

Levamos ao conhecimento dos nossos prezados mutuários que já foram aprovadas pelo Governo Federal as duas novas séries <CRUZEIRO e PROGRESSO> que acabamos de organizar.

Nestas séries procuramos conceder as maiores vantagens possíveis e ao mesmo tempo eliminar das antigas alguns pontos que tem merecido reparos. As principais regalias são as seguintes:

- I — Dos pecúlios não será descontado o imposto federal.
- II — As decadenças só terão lugar depois de 3 mezes;
- III — Reabilitação de socios atrasados;
- IV — Abatimento de 10 o/o aos socios remidos;
- V — Pecúlios maiores e em maior numero;
- VI — Liquidação immediata com os herdeiros dos socios fallecidos;

Como não seria justo que os mutuários de outras séries, só podessem gozar destas vantagens á custa de nova inscrição, resolvemos lhes conceder a transferência para estas novas séries, com o transporte das quantias anteriormente pagas, e com a data da inscrição primitiva.

Rogamos aos nossos prezados mutuários que quizerem aproveitar este ensejo o obsequio de nos pedir com urgencia os esclarecimentos que desejarem, pois é de 60 dias o prazo para esta concessão especial.

Durante este prazo nada cobraremos pela transferencia.

NOTA: Os mutuários deverão citar o numero de ordem e a série a quem pertencem

# "A União Mutua"

TRAVESSA DO COMMERCIO N. 2  
CAIXA POSTAL, 412 S. PAULO

Catalogos e prospectos enviaremos gratis a quem o solicitar citando o nome desta revista



- LA SAISON -  
- (A ESTAÇÃO) -

HENRIQUE BAMBERG

RUA LIBERO BADARÓ N.º 113  
TELEPHONE, 1013 - CAIXA, 113

- - - SÃO PAULO - - -

GRANDE OFFICINA DE COSTU-  
RAS DE VESTIDOS PARA  
SENHORAS E MENINAS

TEM SEMPRE UM BONITO E GRANDE  
SORTIMENTO DE FAZENDAS, ARMARINHO,  
ENFEITES E MODAS. ACEITAMOS  
ENCOMENDAS DO INTERIOR E PARA MEDI-  
DA E SUFFICIENTE MANDAR UM CORPINETO.

TRABALHOS GARANTIDOS E PREÇOS  
MODICOS

Não se RESIGNEM com a saúde imperfeita!  
Levante a actividade do seu  
estomago, e a saúde voltará!

## O "GASTROL"

— Marca Registrada —

A dyspepsia é a molestia mais commum do Bra-  
zil, sendo rara a pessoa que não seja mais ou  
menos perseguida pela atonia do estomago.

Dores de cabeça, fúrias, somnia, perda de memoria  
e perturbação de ideas, prisão de ventre, nervo-  
sismo e ataques de nervos, fraqueza mental,  
desanimo ou merca na luta pela vida, mentis em  
luz, são a via dolorosa do dyspeptico.

Felizmente as nossas matas e campos pos-  
suem medicamentos do mais alto valor e ja por  
demais provados para combater a causa de todos  
aqueles symtomas.

O "GASTROL" é uma feliz associação de  
tões medicamentos em forma de drageas, do mais  
agradavel aspecto e preparadas pelos mais a-  
ptos processos, sendo um medicamento com  
mais de 12 annos de experiencia, e ja provado  
como capaz de curar todo o cetero das doencas  
do estomago e intestinos.

O "GASTROL" nao é um remédio secreto e  
analysado e licenciado pelo Director do  
Serviço Sanitario, a qual ha presente um relató-  
rio justificativo do emprego do medicamento  
Flora Braziliensis que fazem parte da sua composi-  
ção.

O "GASTROL" tonifica as fibras musculares do  
estomago e intestino.

O "GASTROL" é um poderoso remédio para  
combater a atonia gastro-intestinal, impedindo as  
fermentações prejudiciaes, o desequilibrio nervoso  
e a neurasthenia, sendo útil a todos que ha com  
uma vida intensa, exantica ou de sordidez.

O "GASTROL" estimulando o appetite, ac-  
tionando a digestão arruinada e a prisão de ven-  
tre, eleva logo o moral abatido e promove novo  
vigor physico.

O "GASTROL" é a esperanca de innumeros  
doentes atormentados de dyspepsia nervosa, ma-  
gros, desanimados, lacturnos, com insomnia re-  
belde, sem calma, alterando-se por futilidades.

O "GASTROL" cura diversas afeccões, pro-  
venientes de uma nutricao imperfeita e digestão  
arruinada. Velhas doencas da pelle, erupções,  
dartros, impigens, etc., desappare em so porque  
o "GASTROL" levanta a digestão, e o organismo  
depura-se normalmente.

O "GASTROL" tem accão especial sobre o ni-  
gado, que descongessa, e sobre a bexiga, curando  
as inflamações chronicas ou agudas destes orgãos.

Quem sofre de doencas do estomago e intes-  
tinos, é porque ignora os recursos suprelendentes  
da nossa Flora substanciados no "GASTROL".

Senhoras e homens, não importa que idade, can-  
çados de remedios, descrentes, soffrendo de mas  
digestões, constipados, desanimados para a vida,  
nervosos, neurasthenicos, tem sido reanimados  
pelo "GASTROL" que os restituiu a saúde normal.

:: Um vidro para 8 dias de tratamento, 3\$000.

Pelo correio registrado, 3\$500. 3 vidros, 10\$000.

DEPOSITARIOS: LAVES & RIBEIRO

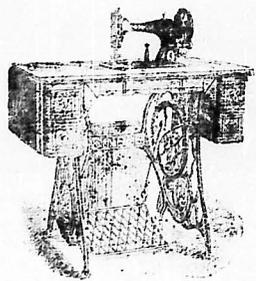
Pharmacia Ypiranga - Canto do Viaducto - S. Paulo

# Companhia Singer



**TUDO MUNDO  
CONHECE**  
*A MACHINA NÃO DEJE FALTAR*  
— EM —  
**CASA ALGUMA**

**50** anos  
de  
contínuos  
sucessos



Agencias  
em  
toda parte  
do  
mundo ::